

ZERO

Nº 3 - ANO XI
FLORIANÓPOLIS
19 DE NOVEMBRO DE 1993
CURSO DE JORNALISMO
DA UFSC

IMARUÍ



RETRATOS DO PODER

**Medo e
tensão no
dia-a-dia da
comunidade de
pescadores**

**A dinastia
Bittencourt
ameaçada depois
de 63 anos de
desmandos**
CENTRAL, 14 e 15

**Padre Rafael,
adversário do
esquema,
perseguido e
jurado de morte**

UFSC Urgente

**A picaretagem
entre
professores
e alunos 3**

**Falta segurança
no Campus
e até tarados
agem 5**

Florianópolis

**Cresce
consumo de
cocaína e cartéis
se organizam 6**

Cultura

**No palco do
TAC, o sucesso
da peça
"A Bofetada" 18**

**Os 80 anos do
poeta Vinícius
de Moraes
22 e 23**

Jornalismo e Peça Gráfica é com a UFSC

Curso ganha três prêmios na sexta edição do Set Universitário

O Curso de Jornalismo da UFSC se destacou no 6º Set Universitário de Comunicação. Dos sete prêmios distribuídos para a categoria jornalística, ganhou três. Ficou em 3º lugar em participação, com 62 trabalhos inscritos. E voltou de Porto Alegre como vice-campeão do festival.

O Set Universitário é o concurso mais bem conceituado na área de comunicação no Brasil. São 25 prêmios disputados por estudantes da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Este ano 914 trabalhos concorreram nas áreas de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas e Turismo.

Outra vez a UFSC ganhou na categoria Peça Gráfica Jornalismo. Só que agora o Zero (pentacampeão do Festival) perdeu para o "Guia Vê", jornal para vestibulandos feito pelas formandas Marli Heinicka e Andressa Fabris. Na categoria vídeo-jornalismo a vencedora foi Kátia Klock com "Ele não deixava eu rir", que fala da violência contra as mulheres. A reportagem em texto foi bem representada por Maurício Oliveira com a matéria "Por um pedaço de chão", que fala da situação dos sem-terra em Santa Catarina. É a terceira vez que o jornalismo da UFSC ganha essa categoria.

A organização do festival se mostrou superior aos anos anteriores, mas ainda pecou pela falta de certificado aos participantes. Novidades não existiram. A Famecos (faculdade organizadora) manteve a hegemonia e ganhou metade dos prêmios, 13. Os "gringos" ficaram com os troféus de "consolação", apesar do bom desempenho, e o encerramento voltou a ser uma monótona "babação de ovo". Mesmo assim o 6º Set serviu para confirmar que jogo fora de casa é difícil de ganhar. E se não se trouxe muitas novidades nos workshops, pelo menos ficamos sabendo da Diléia Frate o que tem dentro da caneca do Jô.

Diógenes Botelho



Maurício Oliveira manteve a tradição do Curso em reportagens. Abaixo a capa do Jornal Guia Vê, das alunas Marli Heinicka e Andressa Fabris campeãs na categoria Peça Gráfica Jornalismo



Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina editado pelo Laboratório de Infografia

Capa

Alexandra Baldisserotto e Victor Carlson

Colaboração

Professores Paulo Brito e Consuelo Lins, estudantes Alessandra Pereira, Daniella Bassani e Sandra Nebelung

Copy-writer

Professores Carlos Locatelli, Gilka Girardello

Ilustração

Alessandro da Silva, José da Silva Júnior, Michelson Borges e Rodrigo Pissetti

Diagramação

Alexandra Baldisserotto, Angelita Corrêa, Diógenes Fischer, Giancarlo Proença, Jaime Luccas, Josemar Sehnem, José da Silva Júnior, Luciane Lemos, Mariano Senna, Meire Bertotti, Mônica Linhares, Patrícia Márcia, Sérgio Severino e Victor Carlson

Edição

Alexandra Baldisserotto, Alessandro da Silva, Carlito Júnior, Diógenes Botelho, Diógenes Fischer, Flávia Rodrigues, Giancarlo Proença, Jaime Luccas, José da Silva Júnior, Josemar Sehnem, Luciane Lemos,

Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV e V Set Universitário Maio 88 Setembro 89, 90 e 91 Outubro 92 Nº 2 ANO XI OUTUBRO 93 CURSO DE JORNALISMO CCE-COM



Vibração na Bandeirantes

Quase cinco da tarde e a ansiedade do fechamento do jornal se acelera. Giba (Gilberto Goltzani, da segunda turma do jornalismo da UFSC), editor do Jornal Cidade da TV Bandeirantes, começa a fechar o jornal. Do outro lado Valmeron de Bona (da primeira turma) calcula o tempo de cada tela de serviço que entra e sai de cada bloco. Uma arte, uma imagem em movimento e um texto em off e bem humorado. "O concerto da sua Encxuta fica por tanto... assim sua Encxuta pode virar uma Brastemp". Entra serviço útil para o espectador e até indicativos agropecuários. Terner prepara seus textos de defesa do consumidor e dicas de economia, enquanto José Paulo de Andrade vai comentar as reivindicações dos telespectadores. Sílvia, com seu sorriso sedutor tipo mãezona, apresenta as notícias.

Enquanto isso, do outro lado da redação, no Nacional, Eliane Arndt (da segunda turma), como chefe de redação, começa a cobrar as matérias dos redatores e dos repórteres. Tudo feito ainda em máquina de escrever, não existe computador nas duas redações da TV Bandeirantes.

A cabeça da matéria de apresentação do PC Farias está muito longa. Dou um palpite para cortar o resumo da história de crimes do PC, Eliane fica ofendida e me pergunta: "A minha mãe vai se lembrar de tudo isto". A mãe, que mora em Agrolândia - SC - é o parâmetro do espectador comum. Um erro de avaliação, penso.

PC não precisa de apresentação. O que importa é que depois de 100 dias acharam o homem em Londres. O correspondente fala no telefone e diz que tem apenas dois minutos de imagem. "Quem falou que era somente dois minutos?". Chico Pinheiro, editor e apresentador, quer saber quem foi. Pede todo o material bruto. PC é a grande notícia do dia. Da redação para a técnica.

Dante Matiussi comanda ao lado de Giba o Jornal Cidade. Greve dos professores em São Paulo, matéria editada e ao vivo. "Vamos conferir primeiro bloco, entra a um, dois, três... Vamos conferir o segundo bloco. Corta a cinco, deixa a... Último bloco. Corta a matéria da Madonna. Não pode cortar, a Sílvia chamou antes do comercial. Corta as telas de serviço. Não vai dar tempo. Vai assim mesmo, a gente corta o final".

Entra matéria dos seguros da Madonna, em São Paulo. Com humor, gente simples, seriam seguros? O que fariam? Traçavam a Madonna? Humor, puro humor. Riso geral, terminou o jornal.

Um olho no monitor e outro na discussão da pauta do dia seguinte. Durante, do início ao final, um monitor mostra a variação da audiência. O Cidade termina com sete pontos. Começou com dois.

- Nós concorremos com o Aqui Agora e com as novelas da Globo.

Todos vibram com os sete pontos, um universo imenso para São Paulo. O jornal está no ar há pouco mais de uma semana. Na tela da Globo o Cabrini começa a contar como descobriu o PC em Londres. Faz suspense e pede comerciais. A redação comenta: "Parece minissérie". Segue a entrevista autorizada, não autorizada. Termina com o PC indo pegar um táxi. O Giba gruta.

- Pega ladrão!

Volto para casa com o Giba. Fico pensando como é difícil reproduzir o ritmo, a ansiedade, as vitórias e as derrotas da redação de um jornal de TV. O ritmo alucinante da direção, de quando o jornal está indo para o ar, editores, diretor e apresentadores. O ponto, as mudanças pelas falhas excessivas dos apresentadores. E a satisfação de ter visto três ex-alunos do Curso como responsáveis por tudo aquilo.

Mas fui dormir com uma indagação. Quem usou quem? O PC usou a Globo para que os filhos viajassem para a Europa ou a Globo usou PC para mostrar sua competência e poder? É bom lembrar que a dona Elma tentou viajar mas o juiz de menores de Maceió não permitiu o embarque dos filhos sem autorização do pai, que se encontrava em lugar incerto e não sabido. Graças à Globo dona Elma poderia viajar. Dormi com a dúvida: quem usou quem?

Paulo Brito

Jornalista e professor do Curso de Jornalismo da UFSC

Maurício Oliveira, Mariano Senna, Meire Bertotti, Mônica Linhares, Paulo de Tarso, Patrícia Márcia, Sérgio Severino e Victor Carlson

Fotografia

Alessandro Silva, Josiane Laps, Lauro Maeda, Paulo de Tarso, Pedro Mello, Yan Boechat e Victor Carlson

Laboratório Fotográfico

Jaime Luccas, Marcelo Santos, Paulo de Tarso, Victor Carlson

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Victor Carlson

Supervisão do Laboratório

Professor Ricardo Barreto

Textos

Alessandra Pereira, Alessandro da Silva, Alexandra Baldisserotto, Ana Paula Pinho, Carlito Júnior, Cláudia Repsold, Diógenes Botelho, José da Silva, Josemar Sehnem, Luciane Lemos, Mariano Senna, Maurício Oliveira, Meire Bertotti, Mônica Linhares, Patrícia Márcia, Paulo de Tarso, Snyanne Quevedo, Victor Carlson e Yan Boechat

Acabamento e impressão: Jornal A Notícia

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-COM), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis/SC. Telefones: (0482) 31-9215. Telex e Fax: (0482) 34-4069. Distribuição gratuita. Circulação dirigida

Pacto medíocre

Na Computação há quem finja ensinar e quem finja aprender

Os estudantes que forem aprovados no próximo vestibular para o curso de computação podem se preparar. Dependendo da disciplina, é possível que o professor chegue na sala no primeiro dia de aula, passe um trabalho e nunca mais apareça. Não que todos os professores do Departamento de Informática e Estatística (INE) façam isso, mas no último semestre três professores foram acusados de inassiduidade e da falta de qualidade em suas aulas.

O caso mais grave é do professor Paulo Roberto Gomes de Carvalho. Na metade do segundo semestre de 1986 ele abandonou suas atividades na universidade para participar de um campeonato de pesca de arremesso no Chile. De um total de 44 aulas, Paulo Carvalho deixou de ministrar 24. "Ele deixou os alunos a ver navios durante um mês e meio", lembra o professor Júlio Szeremeta, chefe do INE.

A UFSC tomou providências. No início de 1987 foi aberto um inquérito administrativo que culminou com a demissão do professor PC. Ele então apelou na 2ª Junta de Conciliação do Trabalho alegando perseguição do departamento.

O juiz Humberto Rufino, responsável pelo julgamento, determinou a reintegração do professor em 30 de agosto de 1990, com o direito a receber salário, 13ª e férias pelo tempo que o processo esteve em andamento. O total da dívida é de aproximadamente US\$ 12 mil. A universidade recorreu ao Tribunal Regional do Trabalho, mas o juiz Câmara Rufino não mudou a sentença do irmão.

De volta à UFSC, Paulo Carvalho continuou na sua rotina de faltar aulas. Em 1992 os alunos voltaram a se queixar das faltas, mas



a chefia do departamento "deu uma prensa em PC" e conseguiu contornar o problema.

Mentiroso — No primeiro semestre de 93 nova confusão. Na disciplina de Cobol, ministrada nas quartas-feiras à noite, PC não compareceu no primeiro dia de aula. Quando se encontrou com os alunos, já na terceira semana letiva, disse que não estava preparado para dar aquela disciplina. "Ele reclamou que fazia dez anos que não trabalhava com Cobol e que o departamento o havia obrigado a dar a aula", conta Leticia Tomelin, aluna da 6ª Fase da Computação.

O que Leticia e os seus colegas de aula de Cobol não sabiam é que Paulo Carvalho mentiu: em 1991 ministrou a mesma disciplina. Pior, antes do início das aulas PC vendeu 15 dias de suas férias sob o pretexto de preparar a matéria.

O cúmulo da displicência aconteceu em setembro passado. No dia 16 desse mês Paulo Carvalho entrou com um pedido de licença prêmio de três meses. Curiosamente, esse tipo de licença é um direito exclusivo dos docentes com a assiduidade reconhecida pela instituição. Mas como a justiça do trabalho tratou o professor como um funcionário exemplar, ele teria di-

reito a essa folga prolongada. Teria! Porém só no semestre 94, já que o regimento interno da UFSC diz que pedidos de licença prêmio devem ser feitos com um semestre de antecedência no mínimo.

O professor PC passou por cima do regimento interno da UFSC, do colegiado do INE e do Departamento Pessoal. Em 24 de setembro o colegiado negou o pedido de licença do professor. PC apelou para o DP, que demorou 25 dias para reafirmar a decisão do INE. Muito antes disso, no dia primeiro de outubro ele simplesmente desapareceu. "110 alunos ficaram sem aulas por causa dele. Ele disse que iria abandonar as turmas, mas ninguém levou a sério", conta o chefe do INE.

Até o início de novembro Paulo Carvalho não havia retornado ao trabalho. Por isso o chefe do INE encaminhou outro processo à reitoria pedindo a demissão do professor por abandono de emprego. Segundo sua mulher, Linda Carvalho, ele está na região Norte do país resolvendo problemas particulares. "Se ele vier é só no final do ano. É bem provável que a gente se mude para lá", diz ela.

Aluno medíocre — O caso descrito é só o mais grave. O de-

partamento de Informática têm outros dois docentes problemáticos. Um deles é Paulo Pinto, professor de Análises de Algoritmos. "Ele já foi dar aula bêbado várias vezes", garante uma aluna do INE que prefere não se identificar. O professor PP foi suspenso por três dias no semestre passado por inassiduidade. A reportagem do Zero foi ao INE várias vezes em uma semana e o professor nunca estava no departamento.

É interessante notar que os alunos do curso de computação só começaram, a se preocupar com a qualidade das aulas de PP quando veio o resultado na primeira prova desse semestre. A média geral da sala foi 1,5. "Ele está se vingando", esbravejava uma aluna que não quis dizer o nome. "Ninguém entende nada e o professor não quer saber", conta outro aluno que também preferiu ficar no anonimato. Agora o Centro Acadêmico prepara um abaixo assinado para pedir o afastamento do professor Paulo Pinto. "No próximo ano não queremos que ele continue a dar aulas", diz Luiz Fernando Fausto, presidente do C.A.

Outro professor tido como inassíduo pelos alunos é Luiz Fernando Jacinto Maia, responsável pelas disciplinas de MUMPS e Programação Funcional. "Depois da greve ele deu um trabalho e sumiu", lembra um aluno anônimo. Os alunos já fizeram reclamações informais e temem que uma denúncia oficial possa invalidar uma matéria do semestre. "Pra que reclamar? Todo mundo sabe que aquilo não serve para nada", justifica uma aluna. O professor Maia se defende dizendo que "um mínimo de alunos pensam que a universidade tem que ter qualidade. A maioria fica quieta dentro da sala dormindo".

Alguns professores do INE têm uma explicação melhor para essa simbiose "medíocre". A diferença entre Paulo Pinto e Luiz Maia é que com Maia ninguém tem problema de nota", teoriza outro professor que como quase todos do INE preferiu ficar no anonimato.

Mariano Senna
Colaborou Victor Emmanuel

DP e Procuradoria batem cabeças

É sempre a mesma história. O caso do professor Paulo Roberto Gomes de Carvalho, assim como o de Adauto Beckhauser (Ver edição II ano XI) também emperrou na justiça do trabalho. A alegação para inocular os dois acusados foi a mesma: "erro no inquérito administrativo".

Para os departamentos

envolvidos a culpa pela impunidade é da procuradoria da UFSC. "O advogado da UFSC estava mal preparado", acredita Júlio Szeremeta, chefe do INE se referindo ao processo do professor PC.

A procuradoria se defende com base na experiência dos seus advogados. "Isso é besteira, o Dr. João Leonel

Machado, responsável pelo caso na época, tem mais de 30 anos de advocacia", afirma Marco Aurélio Moreira, procurador da universidade. Ao mesmo tempo o procurador joga a culpa na Justiça Trabalhista e no Departamento Pessoal.

"O DP sempre libera os documentos em cima da hora. Junta-se a isso a tendência da

justiça em favorecer sempre o empregado", emenda.

O DP admite as suas fragilidades. "Existe falta de informações nos arquivos do DP e por coincidência foi na ficha do professor Paulo Carvalho", diz João Santana, chefe do DP. Ele se refere ao fato de a ficha pessoal de PC não ter anexo o processo de 1987.

Foi por causa disso que o DP levou 25 dias para decidir sobre a licença prêmio do professor em outubro desse ano. "Levamos 16 dias para conseguir uma cópia do processo com a procuradoria", justifica João Santana. (Um detalhe: A reportagem do Zero conseguiu a cópia do processo em apenas um dia com o procurador Marco Aurélio Moreira).

O aniversário do roubo

Confirmada a falsidade do Catharinense

O historiador Jali Meirinho confirmou a falsidade do exemplar do jornal "O Catharinense" encontrado no começo deste ano na seção de Obras Raras da Biblioteca Universitária. O parecer do professor de História da UFSC diz que a cópia serviu como convite para a Exposição Comemorativa dos 87 anos de fundação do próprio "O Catharinense", um evento que reuniu na capital os principais nomes da política catarinense em julho de 1918. Embora tenha mantido o formato (15,3x21,5cm), a cópia apresenta indícios de fotomontagem que não aparecem na única foto conhecida do original, publicada pelo IBGE na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, de 1959. Além disso, o falso "O Catharinense" é uma reprodução apenas da capa do jornal, que tinha ao todo quatro páginas.

O procurador-geral da UFSC José Márcio Marques Vieira acha que o processo do caso "O Catharinense", que já tem mais de cem páginas, pode se encerrar por aqui mesmo "se não aparecerem novidades vindas de fora da UFSC". Há algumas possibilidades: o original teria sido visto recentemente numa feira de antiguidades em Belém do Pará e há cerca de três anos num curso sobre história da Imprensa em Santa Catarina promovido pelo Diário Catharinense. Mas são só boatos; ninguém assume a responsabilidade por essas informações.

A principal causa da estagnação do processo é a falta de registro da passagem do Catharinense verdadeiro pela seção de Obras Raras. O problema não é exclusivo desse jornal: a maioria das obras raras foram doadas, mas não se sabe por quem. Quando a microfilmagem dos jornais antigos foi feita, em 1987, já era a cópia que estava lá.

O QUE MUDOU — A reforma na seção de Obras Raras foi interrompida por falta de verbas. As únicas mudanças foram a instalação de cortinas "black-out", compradas com o dinheiro das multas por atraso na devolução de livros, e de sete aparelhos exterminadores de ácaros e fungos, doados pelo fabricante. A fechadura da porta da sala foi trocada e a chave, que costumava ficar pendurada num prego à disposição de qualquer funcionário, agora fica o tempo todo com a responsável do setor. Por falta de pessoal disponível a recontagem do acervo, prevista para o período em que a seção ficou interditada, não foi feita.

É interessante contar o que aconteceu com os personagens dessa história nestes últimos doze meses. Valadares Oliveira, alegando motivos particulares, se transferiu para a Universidade Federal do seu estado natal, Ceará. Laudelino

Sardá deixou a editoria de opinião do *Diário Catarinense* e está trabalhando na UFSC como assessor do reitor Antônio Diomário de Queiroz. Sua mulher, Narcisa de Fátima Amboni,

continua a pós-graduação em Administração de Empresas e se prepara para voltar à Biblioteca no ano que vem "como diretora".

Maurício Oliveira

A Cronologia da Impunidade: Inquérito não achou ladrão

Out/92 — *Zero* publica a denúncia de um funcionário da Biblioteca Universitária, Valadares Alves de Oliveira, sobre o desaparecimento do único exemplar que restou do primeiro número de *O Catharinense*, o primeiro jornal de Santa Catarina, editado em 1831. Valadares diz que o roubo teria acontecido por volta de 1989 e que a responsável à época pela seção de Obras Raras, Narcisa de Fátima Amboni, tentou ocultá-lo. A sala de Obras Raras ficava chaveada e os poucos visitantes — cinco por semana, em média — eram acompanhados por um funcionário durante toda a permanência no local. Quando a denúncia foi publicada, Narcisa já estava afastada da Biblioteca para fazer pós-graduação em Administração de Empresas.

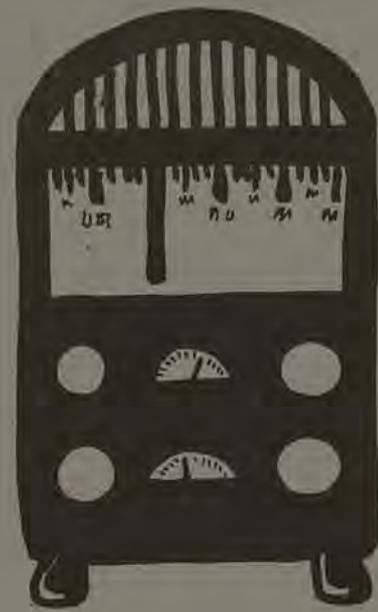
Nov/92 — A seção de Obras Raras é interditada para reformas e recontagem do acervo. A reitoria da UFSC abre inquérito administrativo para investigar o desaparecimento do *Catharinense*. A comissão de sindicância, formada por três funcionários da Universidade, começa a ouvir os depoimentos dos envolvidos.

Jan/93 — *O Catharinense* reaparece na seção de Obras Raras no primeiro dia de trabalho do ano — 4 de janeiro, depois de uma semana de feriado no campus. O jornal foi encontrado pela diretora da Biblioteca Universitária, Maria Ghisoni, e outras duas funcionárias. A diretora só resolveu procurar mais uma vez o jornal — que já havia sido exaustivamente procurado — porque o reitor Antônio Diomário de Queiroz contou que haviam dito a ele que *O Catharinense* estaria "no lugar de sempre". A informação foi dada ao reitor pelo jornalista Laudelino Sardá, marido de Narcisa de Fátima Amboni, num encontro que Diomário de Queiroz não lembra como foi nem quanto tempo durou.

Jul/93 — A comissão do inquérito administrativo entrega o relatório final à Procuradoria Geral da UFSC e conclui que *O Catharinense* encontrado na seção de Obras Raras é falso. O relatório não aponta os culpados, mas ressalta algumas contradições dos depoimentos. O Procurador-Geral José Márcio Marques Vieira diz que vai procurar um especialista para comprovar a falsidade do jornal.



... que me achou na terra onde primeiro vi a luz do dia...
 ... e a crítica mordaz acerca da imprensa...
 ... Quem não estrava, então, que fez que coisa?
 UNIAO e LIBERDADE, INDEPENDENCIA e MORTE
 BANCA CATHARINENSE, DA REPUBLICA DA CATHARINENSE (SUA UNICA UNIDADE)



Rádios de SC ainda amargam calote do governo

Nove meses depois da estreia do "Bom dia, governador", Wilson Kleinübing finalmente fez o primeiro pagamento às 190 emissoras de rádio que retransmitem o programa em troca da quitação da contas de luz. O montante de CR\$ 10,4 milhões, referente apenas até julho, é dez vezes menor que o devido, já que não foi aplicada correção monetária.

Conforme publicado com exclusividade no último *Zero*, o acordo feito entre Kleinübing e a Associação Catarinense das Emissoras de Rádio (Acaert) previa que, em troca da veiculação do programa, as rádios teriam as contas de luz pagas pelo governo. De todas as emissoras do estado, apenas as quatro FM da RBS não aceitaram retransmitir o "Bom dia, governador". "Seria como na *Voz do Brasil*: todo mundo desligaria o rádio", justifica o gerente-geral da RBS Rádio de Santa Catarina, Armando Appel.

De fato, parecia um bom negócio para as rádios, que continuariam pagando normalmente as contas de luz à Celes e seriam imediatamente reembolsadas pelo governo. Mesmo com o não cumprimento do acordo, o programa, que é transmitido aos domingos das sete e meia às oito da manhã, continuará no ar. "O governo não paga nada com correção monetária, mesmo", consola-se o presidente da Acaert, Carlos Alberto Ross. Já a Associação Sul-brasileira das Emissoras de Rádio Independentes (Asberi), uma dissidência da Acaert com 27 associadas no oeste de Santa Catarina que também participou do acordo, está planejando uma visita ao governador para exigir o pagamento da correção monetária.

Maurício Oliveira

Crime e violência no Campus da UFSC

No ano passado foram 132 casos de assaltos

Na noite de 24 de setembro um rapaz de aproximadamente 22 anos de idade invadiu a sala 247 do Centro de Comunicações e Expressão da UFSC armado com um revólver. Trancou a porta da sala e assaltou os alunos e a professora Sônia Breda Zannete, do Curso de Desenho e Pintura, promovido pelo Departamento de Apoio à Extensão. Muito nervoso, o assaltante pediu apenas o dinheiro das pessoas, levando cerca de 3 mil cruzeiros reais. Saiu da sala às 21 horas sem que os funcionários da portaria do Centro percebessem.

Este é apenas mais um dos vários casos de violência sofridos por quem estuda, trabalha ou apenas passa pela Universidade. O Campus é aberto e qualquer pessoa pode entrar e cometer um crime. Desta maneira vários carros foram roubados, dois alunos seqüestrados ao saírem da Biblioteca Central por três fugitivos da Penitenciária, e uma senhora de aproximadamente 65 anos, estuprada quando estava internada no Hospital Universitário.

Só em 1992, foram registrados 132 ocorrências pela Central de Segurança do Campus. A reportagem do Zero teve acesso aos arquivos da Central e achou entre os roubos de 92, doze automóveis, oito alto-falantes, sete assaltos em bancas de revistas e bares, cinco bicicletas, dois videocassetes, um computador, um projetor de slides e um motor de betoneira.

Visita — Entre os muitos locais da UFSC já assaltados está o Departamento de Física, que já foi "visitado" mais de uma vez por ladrões. O professor João José Piacentin, conta que na primeira vez leva-



ram um videocassete e alguns drives de computador. Na segunda vez, toda a Videoteca do Departamento foi roubada. Dois videocassetes, uma filmadora com todos os equipamentos, um teclado de micro, um controle remoto de telão (que não funciona sem o controle), entre outros equipamentos foram levados.

O responsável pela Videoteca, Maurício Justino, diz que os ladrões roubaram várias fitas VHS, mas tiveram o cuidado de levar apenas as fitas virgens. "Os ladrões conseguiram entrar e sair porque as janelas dos blocos modulados do Básico são removidas facilmente", diz o professor Piacentin. O Departamento já enviou vários projetos à Reitoria e alguns órgãos financiadores de pesquisa para conseguir uma nova Videoteca, mas até agora nada foi resolvido.

O coordenador de Segurança Física e Patrimonial da UFSC, Sálvio José Vieira, cita alguns problemas que dificultam a ação do seu setor: falta de pessoal, vigilantes com mais de cinquenta anos trabalhando, falta de treinamento adequado, iluminação precária em grande parte do Campus, porteiros dos Centros despreparados para o serviço. Acha ainda que existe muita burocracia para conseguir melhorias junto à Reitoria. Fora tudo isto, "os fatos são abafados e a mídia não fica sabendo dos crimes que ocorrem na UFSC", revela um funcionário da Segurança que preferiu não se identificar.

Menino de rua — Além destas deficiências, a Seguran-



Alessandro Silva/Zero

ça seria prejudicada pelos próprios alunos da Universidade. Várias vezes os policiais universitários tentaram deter os meninos de rua que estavam perturbando no Campus, mas foram impedidos por alunos que diziam estar defendendo os direitos do menor. Quando eventualmente são detidos, estes menores nem são levados à Polícia que não os aceita, já que são muitos casos e os policiais não sabem o que fazer com eles.

O coordenador de Segurança também indica os eventos culturais como o "Rock no Bosque" e o "Talento Universitário" como causadores do crescimento da violência dentro da universidade. "Os estudantes não deixam a polícia entrar para nos auxiliar e, por causa disto, já ocorreu um *arrastão* num destes shows", completa Sálvio.

O professor Ivo Zimmermann, diretor da Comissão Permanente do Vestibular (Coperve), disse em uma reunião sobre segurança no CCE,

que também acha tais eventos perigosos à segurança do Campus. Para ele, estes shows atraem gente de fora, aumentando o tráfico e o uso de drogas. Zimmermann lamenta também que o serviço nas portarias dos Centros seja deficiente. "Nos finais de semana, qualquer pessoa entra no CCE sem identificar-se e os vigilantes não perguntam nada".

Mas os crimes não são cometidos apenas por gente de fora da Universidade. A comunidade universitária que é a responsável direta pela patrimônio da UFSC, rouba muito material da Universidade, desde canetas hidrográficas até computadores.

Base de Operação — As drogas também estão no cotidiano do Campus. O uso e o tráfico acontecem entre funcionários, alunos e professores. Apesar de existir um ponto de venda de maconha na Praça Santos Dummont (em frente ao Departamento de Administração Escolar, na entrada da UFSC), um membro da segu-

A videoteca da física já foi visitada duas vezes pelos ladrões

rança do Campus disse na mesma reunião do CCE, que 90% do uso deste tipo de droga diminuiu dentro da UFSC.

O pró-reitor de Administração, Mário Cesar Bittencourt, diz que o problema existe mas que, comparando com o de outras Universidades Federais, é pequeno. Ele cita como exemplo a Federal Fluminense onde, em pleno Campus, o Comando Vermelho possui uma base de operações.

A contratação de pessoal e um melhor aparelhamento das equipes de segurança, dependem de verbas do Ministério da Educação. "Mas a Reitoria faz algumas melhorias aos poucos", diz Mário César, e dá como exemplo o treinamento dos seguranças, que será realizado agora em novembro aqui na UFSC pela Polícia Militar do Estado.

Alessandro Silva



A segurança do Campus registrou o roubo de doze automóveis e sete assaltos em 92

Tarados agem na Universidade

Mas nem só de assaltos e roubos vive a UFSC. Os tarados também atacam na Universidade. Só em 92, três "se mostraram" pelo Campus. Mas existem tarados que a Segurança nem fica sabendo, alguns agem nos laboratórios, outros nos vestiários do Centro de Desportos e outros ainda, nos banheiros dos Centros.

É o caso do Centro de Comunicação e Expressão, onde os banheiros masculinos recebem, constante-

mente, a visita de um *Voyeur*. O detalhe interessante, é que este *Voyeur* é um homem. Sobre este assunto existem várias versões e poucas pessoas querem falar, já que o tarado é um Professor do Centro. Um outro professor do Centro, que não quis identificar-se, contou que "todos no Centro sabem quem é o tarado, mas nada é feito e, quando você vai ao banheiro ele tá lá te olhando".

Cocaína invade morros de Florianópolis

O consumo da droga na capital tem crescido tanto que cartéis estão articulando o controle do tráfico. Há cerca de 100 pontos de venda na cidade

A até a polícia reconhece: o tráfico de cocaína tomou conta de Florianópolis e está quase fora de controle. Mesmo longe de se equiparar aos castelos do narcotráfico do eixo Rio-SP, a disseminação da droga é assustadora: alguns morros da cidade começam a configurar cartéis enquanto o consumo de cocaína está prestes a destronar o da maconha. As facilidades no transporte e lucro imediato atraem um número de traficantes cada vez maior — a estimativa da Delegacia de Tóxicos da DEIC é de que mais de cem pontos de vendas estejam instalados em apenas seis morros da Ilha.

A primeira apreensão de cocaína na capital foi feita em 1980. Desde então o tráfico e o consumo não pararam de crescer: nos últimos dois anos 225 pessoas foram autuadas em flagrante por tráfico da droga e desde 92 cerca de 70 traficantes foram presos. Passada pouco mais de uma década o narcotráfico caminha para uma consolidação semelhante a do Rio de Janeiro. "Alguns morros da Ilha estão formando cartéis", alerta o delegado Acioni de Souza, que trabalha há doze anos na repressão às drogas. Os principais pontos de venda, segundo ele, estão localizados no Morro da Caixa, Morro do Mocotó, Morro do 25, Morro do Horácio e Morro do Nova Trento. A Delegacia de Tóxicos estima que em cada um existam dois ou três padrões (donos do negócio) e seis passadores principais (encarregados de vender a droga), além de traficantes menores.

O tráfico absorve todo o tempo dos policiais da Delegacia de Tóxicos do Departamento de Investigação Criminal — DEIC: são três batidas por dia em cada um dos morros onde a venda da droga já virou rotina. Não há estatísticas sobre o número de usuários mas o delegado Acioni de Souza, arrisca uma avaliação: segundo ele no último ano, o aumento de consumidores foi de 40%. Nas dez clínicas de tratamento de Florianópolis o número de internados por uso de drogas passa de 300.



Zé Passalunha

Negócio seguro

A consagração da cocaína como droga preferida pelos jovens não é privilégio da cidade de Florianópolis. Em todo mundo a "branca" — como é conhecida pelos usuários — ganha adeptos. A produção e o consumo mundial estão estimados entre 700 e 1000 toneladas ao ano, segundo o relatório do Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional de Drogas, divulgado em setembro. No Brasil o consumo anual está avaliado entre 10 e 20 toneladas.

As razões para o aumento do tráfico e do conseqüente consumo estão na própria natureza da coca. O volume menor, a facilidade de transporte, o fato de não ter cheiro e de ser solúvel em água tem levado traficantes de todo país a aderir ao negócio da "branca". Segundo o presidente do Conselho de Entorpecentes de SC (CONEN), Jairo Brincas, o Brasil é um dos maiores produtores dos componentes da cocaína — éter e acetona — o que consolida seu lugar nas rotas do tráfico internacional. Aqui em Florianópolis a droga chega pelas rodovias, trazidas principalmente do Mato Grosso do Sul. O trajeto é seguro: enquanto a maconha precisa ser transportada por caminhão

e em toneladas — com grande risco de ser apreendida — a coca viaja em quantidades pequenas, por estradas secundárias e bem longe dos olhos da polícia.

Lucro certo

O retorno financeiro na venda da cocaína também é responsável pelo interesse dos traficantes na droga. Isaac Barreto, presidente do Conselho Federal de Entorpecentes (COFEN), estima que 60% do faturamento de 150 bilhões de dólares, provenientes do narcotráfico na América Latina, venha da venda de cocaína. Nos morros da Ilha a situação não é diferente. Enquanto um baseado (cigarro de maconha) é vendido a CR\$ 300,00, um grama de cocaína custa em média CR\$ 1.500,00. "Os traficantes obtêm a droga por consignação e tem direito a trinta por cento do que for vendido", informa Acioni. Mas a porcentagem não satisfaz os "passadores" e leva a disseminação da cocaína falsa, ou suja, mais conhecida como "loque". Eles misturam a droga pura com pó de giz, mármore, e conseguem dobrar o lucro da venda", coloca o delegado.

O fato não impede que o número de usuários aumente cada vez mais. Ao contrário do

"amolecimento" causado pela maconha — droga que marcou a década dos hippies e que em Florianópolis continua sendo a mais consumida — a geração de hoje procura o efeito dos estimulantes. Jairo Brincas, que há 11 anos trabalha com dependentes, diz que "o jovem quer drogas que ativem o metabolismo e não causem ressaca nem dor de cabeça". O Conen recebe três a cinco usuários de drogas por semana e faz o encaminhamento de cada um a uma das dez instituições de tratamento de Florianópolis. Segundo Jairo Brincas a maioria deles é de classe pobre, tem idade de 15 a 25 anos e todos são dependentes de álcool. Ele frisa também o fato dos jovens terem informação sobre os males da droga, ao contrário do que acontecia anos atrás, quando as pessoas se drogavam sem imaginar as dimensões dos danos ao organismo.

Repressão

A prisão de usuários de drogas é uma prática comum nas delegacias de capital. Apesar de não revelar os números sob a alegação de que "são prejudiciais para a cidade e para os jovens", o delegado Acioni admite que a melhor maneira de conter o consumo de drogas

está na repressão. "É claro que é preciso cabeça. Mas se eu percebo que o cara é viciado mesmo, boto na cadeia", diz. Os critérios de bom senso são definidos pela classe social. "Quanto a gente vê que a pessoa é de família, sabe que quase sempre ela está só expetimentando e só chama os pais", coloca.

O presidente do Conen não concorda e acredita que a solução para o consumo está longe da repressão da polícia. "Quando o presidente Bush quis combater a produção de cocaína nos países andinos, em 1991, gastou 58 bilhões de dólares e não conseguiu diminuir nem a produção nem o consumo", compara. No Brasil, a verba usada para repressão de usuários e combate ao tráfico é superior aos 900 mil dólares destinados aos dez milhões de fumantes e trinta milhões de álcoolotras do país. Mesmo assim, o consenso entre médicos e profissionais do ramo é o de que pouco tem sido feito para conter o aumento dos usuários.

Sem política

Jairo Brincas acredita que o aumento no consumo também tenha ligação com as políticas nacionais de prevenção, meramente informativas e ineficazes. "O Ministério da Saúde concede ao Confen uma verba anual de CR\$ um milhão e nem por isso o número de usuários tem diminuído", enfatiza. Para Brincas a única forma de atuar decisivamente sobre o problema está no trabalho feito nas comunidades. "É preciso criar conselhos locais, que trabalhem com os doentes de cada região", coloca.

Até o ano passado 21 conselhos como estes funcionavam em SC. Hoje, por falta de verbas das prefeituras, apenas seis estão atuando. O maior problema está na centralização do orçamento para o combate às drogas. "O dinheiro não chega nos municípios" coloca Jairo. E completa: "O mais absurdo é que estes conselhos quase não exigem gastos. Apenas uma sala e o pagamento de uma pessoa para trabalhar já seriam suficientes".

Mônica Linhares

Quem com fogo fere...

Jovens queimam homem e dançam na Cadeia Pública

Na madrugada do dia 26 de outubro, no terminal de ônibus Rita Maria, três jovens atearam fogo no jardineiro Luiz Carlos Travisk, 38 anos, que dormia próximo ao bar onde eles trabalhavam. José Adélcio Fernandes, 21 anos, Róbson da Rosa, 18 anos e o menor L.R.S., 17 anos foram presos em flagrante pelo policial militar Luciano Hélio Garcia e encaminhados à Central de Plantão Policial, no Estreito. Luiz Carlos foi socorrido e levado ao Hospital de Florianópolis.

O crime ocorreu por volta das três horas e vinte minutos da madrugada. Luiz Carlos foi esticado as pernas no chão e acabou dormindo. "Acordei pegando fogo", lembra Travisk, que foi prontamente socorrido pelo cabo da PM Gilberto e por um funcionário do Rita Maria. "Foram gastos dois extintores de incêndio de gás carbônico para conter as chamas", conta o chefe de operações do terminal, José Roberto.

Em depoimento prestado ao delegado Pedro Mendes, José Adélcio e Róbson da Rosa culpam o menor L.R.S. de ser o autor do crime. Pelo que consta no auto de prisão em flagrante nº 125/93, Róbson teria apenas acompanhado o menor e José Adélcio chegou ao local no instante em que L.R.S. ateava fogo no jardineiro. Primeiro a depor, Adélcio con-



Paulo de Tarso/Zero

Luiz Carlos sofreu queimaduras de 2º e 3º graus

tou que o menor os convidou a irem tocar fogo em um mendigo que dormia do lado de fora da rodoviária, e que ele vinha fazendo isso a semana toda para correr com os indigentes do local. Segundo ele, L.R.S. pegou um copo com álcool e acompanhado de Róbson foi para fora do terminal, onde a vítima dormia. José Adélcio disse que foi depois para ver, pois não acreditava que os dois teriam realmente coragem de atear fogo em uma pessoa. Ele declarou que viu, de longe, o menor acender o isqueiro e botar fogo, e que Róbson estava com o copo com o álcool na mão, mas não viu quem derramou o líquido em Luiz Carlos. Róbson confirmou o depoimento do companheiro e negou ter jogado álcool no jardineiro. Depois de prestar depoimento, os dois foram condu-

zidos à cadeia pública. O menor foi encaminhado à 6ª Delegacia de Polícia (proteção à mulher e ao menor).

A vítima, Luiz Carlos Travisk, está internada no isolamento do Hospital Florianópolis, e sua situação é estável. Travisk teve trinta por cento da sua área corporal atingida por queimaduras de segundo e terceiro grau. Foram atingidas suas pernas e o escroto. Para o diretor clínico do hospital, dr. Jairo Vieira, o maior risco que Luiz Carlos corre é de uma infecção, pois Santa Catarina não dispõe de serviço especializado para o atendimento a queimados. "Ele ainda sofre

outros riscos, como desidratação aguda e problemas renais, devido à grande quantidade de água perdida pelos ferimentos", alerta Jairo. Os médicos que cuidam do jardineiro são o urologista Sílvio Schmidt e o cirurgião plástico Osvaldo João Pereira Filho. Não há previsão para a saída de Luiz Carlos do hospital.

Travisk é natural de São Bento do Sul, e veio para Florianópolis há cinco anos, depois de passar parte de sua vida em Rio Negro (PR). Inicialmente vendia pastéis na praia dos Ingleses, mas desde que se fixou no bairro de Coqueiros, há dois anos, na rua Desembargador Pedro Silva s/n, trabalhava como jardineiro. Ele ignora o motivo do crime. "De certo pensaram que eu tinha dinheiro. Só que eu tinha apenas o dinheiro da passagem do ônibus para voltar para casa". Reclamando das dores, Travisk acredita que poderá sair do hospital em duas ou três semanas para voltar a trabalhar.

Os autores do delito trabalhavam nas lanchonetes Ter's e Numenga, localizadas lado a lado no terminal Rita Maria e que pertencem ao mesmo dono. O menor L.R.S., após a prisão e o encaminhamento ao sexto DP, foi levado à Justiça da Infância e da Juventude e recebeu representação da promotoria, ou seja, ficará em liberdade condicional até que seja julgado pelo juiz da Infância e Juventude. A audiência não tem data certa para ser realizada. "Pela gravidade do crime, L.R.S. poderá até ser internado no Centro de Reeducação São Lucas por um período máximo de três anos, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente", explicou o

professor de Direito da Criança e do Adolescente da UFSC, Nuno de Campos.

José Adélcio e Róbson da Rosa foram indiciados no artigo 121, parágrafo 2º, item 7 do código penal, pelo crime de tentativa de homicídio qualificado, e podem pegar uma pena que varia de doze a trinta anos de reclusão. Eles foram encaminhados à Cadeia Pública de Florianópolis no início da manhã do dia 26 e colocados no cubículo D-1, galeria D. Os dois estavam na cela juntamente com outros treze detentos, que não sabiam o motivo da prisão de Róbson e Adélcio. Quando souberam, através de uma reportagem de televisão no dia 27, à uma e meia da tarde, espancaram os dois violentamente. Róbson foi o mais atingido. Teve vários cortes no rosto e nos lábios e perdeu cerca de dez dentes. José Adélcio, por não ter tido participação direta no crime, foi poupado: sofreu apenas um corte na cabeça. Eles foram encaminhados ao Hospital Universitário e retornaram ao presídio após atendimento médico. Róbson foi levado ao Manicômio Judiciário, para se recuperar, e Adélcio foi transferido para o "local seguro", que é como o chefe de segurança do presídio Sílvio Agostinho chama o lugar onde ficam os criminosos considerados de risco, como esturpradores. "Ele está lá apenas para não apanhar mais dos presos", conta Sílvio. Já foram identificados cinco presos que espancaram Róbson e José Adélcio. Quando perguntado sobre o que aconteceria a estes detentos, Sílvio respondeu: "Isto cabe à justiça decidir".

Paulo de Tarso

UFSC presta assessoria jurídica à comunidade

Atendimento é feito por alunos do Curso de Direito

Desde julho, os moradores da Grande Florianópolis que ganham até três salários mínimos podem resolver suas pequenas encrencas no Juizado de Pequenas Causas da Universidade Federal de Santa Catarina. O atendimento é prestado pelos alunos e professores do curso de Direito que trabalham em conjunto com o Fórum instalado na UFSC.

O Juizado de Pequenas Causas atende a reclamações de pequenos estragos, de pessoas que foram lesadas em até três salários mínimos. Durante este semestre, um senhor procurou o Juizado da UFSC porque o bode do vizinho invadiu a sua casa e comeu toda a plantação de alface. Casos co-

mo este não precisam ser levados a um tribunal tradicional, a não ser que as partes envolvidas não entrem em acordo. Se as partes concordarem o caso está encerrado. Se não aceitarem, o Juizado entra com uma ação e o caso vai ser resolvido pelo juiz do Fórum da UFSC. Em casos mais complexos, como separação e busca de menor é impetrada ação na Justiça.

Mais de mil pessoas já procuraram o Juizado da UFSC desde a sua inauguração. "Atendemos cerca de vinte pessoas por dia. Já temos 1.500 processos em andamento", revela o aluno de Direito, Ronaldo Salum Jr. A procura tem sido intensa na área de Direito de Família: separação de casais, pensão alimentícia, investigação de paternidade e guarda de menor. Até 04 de novembro havia cerca de 80 pedidos de pensão alimentícia, 12 de investiga-

ção de paternidade, três de guarda e cinco de busca de menor.

De acordo com a estagiária do curso de Direito Ana Patrícia Pereira, a maior parte dos casos é de assistência social. "Muitas vezes o problema está na estrutura familiar. Algumas pessoas nos procuram uma vez e não voltam mais", diz Ana Patrícia. Brigas entre casais levam a população a procurar o Juizado. Há pelo menos 15 casos de maridos que batem nas mulheres e nos filhos.

Os 274 alunos entre a sétima e a décima fase de Direito que trabalham no Juizado acompanham algumas causas estranhas. Semestre passado, uma senhora procurou o Juizado da UFSC porque o seu marido mantinha relações sexuais com a cadela do casal. "Ela disse que não sabia o que fazer, pois tinha pena da cadela", conta a estagiária Carla

Seeman.

O fórum da UFSC agiliza o andamento dos processos. Separações que antes levavam mais de um ano para serem resolvidas podem ter fim em dois meses. Se for consensual, quando há um acordo entre o casal, é feita em menos tempo. Um casal entrou com o pedido de separação consensual no último dia 14 de setembro e vinte dias depois o processo estava concluído. Desde julho, 14 processos, incluindo causas de despejo, busca de menor, divórcio e pensão alimentícia, já tinham sido solucionados. A prestação de serviços do fórum da UFSC abrange as questões cíveis, como a posse de imóveis, e familiares, excluindo causas criminais e trabalhistas.

Júlio César Machado de Mello, o novo juiz do fórum da UFSC assumiu há três semanas

e já promete modificações quanto à prestação de serviços deste órgão. De imediato ele pretende alterar o horário de funcionamento do fórum. Atualmente, funciona das 13 às 19 horas. Agora, poderá funcionar das 8h30min às 20 horas, com intervalo para o almoço.

Outra mudança prevista é a participação dos estudantes na audiência. Hoje os estagiários têm acesso a arquivos e a computadores para o cadastramento e acompanhamento das causas, mas quem defende os clientes no fórum são os professores. "É importante que os alunos possam fazer perguntas aos clientes. Eles não podem ter medo do juiz ou do promotor, pois precisam sair da Universidade preparados para o mercado de trabalho", alerta Júlio César.

Alessandra Pereira

Hemosc corre atrás de novos doadores

Estoque de sangue não chega para atender nem a metade dos pacientes do hemocentro

O projeto "agendamento de doadores", desenvolvido pelo Hemocentro de Santa Catarina há um ano, não está dando certo. O preconceito e a desinformação têm sido fortes barreiras para a doação de sangue, fazendo com que o número de "agendados" não passe de 30 por mês. O objetivo inicial do projeto seria não perder as pessoas que aparecem no hemocentro para eventuais doações e depois somem. Através do agendamento, a cada três meses o doador recebe em casa uma carta lembrando do compromisso assumido e só terá trabalho de ir até o Hemosc para a triagem e a coleta, que dura apenas 10 minutos.

A corrida atrás de gente para as doações faz parte do dia-a-dia do hemocentro. O estoque de sangue ideal, capaz de suprir as necessidades da população, é de 30 mil coletas por ano, mas a realidade fica bem distante disso: 14.400, nem a metade do que se precisa. O problema é que a maioria das pessoas só se dispõe a doar sangue quando um parente ou amigo precisa de transfusão. Do total de bolsas coletadas por ano, 70% são conseguidas dessa forma. Apenas 6% dos doadores tomam a iniciativa espontaneamente, sem que o sangue vá especificamente para alguém. Os restantes 24% do sangue são conseguidos através de campanhas e convênios que o Hemosc mantém com instituições como o Exército, a Polícia Militar, a Universidade Federal e os bancos.

No primeiro semestre deste ano, foi feita uma campanha junto ao Besc. Vestidos com camisetinhas que traziam o slogan "deposite saúde, doe sangue", funcionários do banco distribuíram panfletos explicativos à população na tentativa de mobilizar doadores. Mas o esforço não rendeu grande coisa: durante todo o dia em que a unidade móvel do Hemosc ficou estacionada no calçadão da Felipe Schmidt, no centro de Florianópolis, foram colhidas apenas 50 bolsas — 22,5 litros de sangue. "Poderia ter sido mais, não fosse a demora do atendimento", justifica a assistente social Geni Beiró dos Santos. Com o cadastramento de doadores feito manualmente e uma unidade móvel mal equipada, foi inevitável que filas enormes se formassem. A pressa falou mais alto do que a vontade de ser solidário, fazendo com que muitos fossem embora.

O medo de doar. Numa sociedade onde ainda existe o preconceito contra o uso da ca-

misinha, não é de se estranhar que as pessoas tenham medo de doar sangue. Elas não são devidamente educadas e a desinformação é geral. "Os próprios funcionários do Hemosc têm certos preconceitos", confessa Geni Beiró. E se quem convive com esta realidade tem receios, imagine-se então o quanto um funcionário público como Antônio João de Oliveira pode ser desinformado sobre o assunto. Em 1986, a esposa Rute Basílio de Oliveira, com quem já estava casado há 21 anos, precisou de uma transfusão. Mas Antônio recusou-se a doar o sangue "O positivo" de que ela precisava do mesmo tipo que o seu. "Não sei por que, mas tenho muito medo desse troço", explica. O máximo que ele conseguiu fazer pela mulher foi juntar dez colegas de trabalho para as doações.

Durante as campanhas, funcionários do hemocentro ouvem coisas do tipo "eu tenho pouco sangue para doar" ou "já não basta o que exploram da gente e ainda querem o nosso sangue". Mas, no meio de tantos tabus, o medo mesmo é o da Aids. Uns acham que podem ser contaminados através do material de coleta, embora ele seja totalmente descartável. Outros têm medo de descobrir o que não querem. Como? Toda pessoa que faz uma doação tem o seu sangue submetido a uma série de exames que testam a sua qualidade, e um deles pro-



Paulo de Tarso/Zero

Preconceitos e tabus são uma forte barreira para doação de sangue



Medo e desinformação fizeram Antônio recusar sangue até para esposa

cura detectar o vírus HIV. Quinze dias depois da coleta, o doador tem acesso ao resultado.

Apenas tabus. Geni Beiró garante que muitos dos tabus que giram em torno da doação não têm o mínimo fundamento. "Não enfraquece, não engrossa o sangue, não traz nenhum risco de contaminação e não torna novas doações obrigatórias". Se o doador tiver alguns requisitos básicos exigidos, os riscos são praticamente inexistentes. Basta que a pessoa tenha entre 18 e 60 anos de idade e pese mais de 50 quilos. Mulheres grávidas ou que tenham dado à luz há menos de seis meses não devem doar sangue, assim como aquelas que estiverem no período menstrual. Também não é acon-

selhável que pessoas com problemas cardíacos ou pulmonares graves não façam doações. As restrições também servem para quem já tenha tido hepatite, sífilis ou doença de Chagas.

A idéia de que se tem pouco sangue para doar é uma outra besteira. Esse risco ninguém corre: a quantia retirada em cada coleta é de 450 mililitros (um décimo do nosso volume total), nada que vá fazer falta ou prejudicar a saúde de alguém. Quem estiver ciente disso e resolver fazer uma doação, na verdade, não vai estar ajudando a uma só pessoa: seu sangue será fracionado, podendo favorecer mais de três receptores.

Ana Paula Pinho



Lauro Maeda/Zero

Você pode doar sangue se:

- tiver entre 18 e 60 anos de idade;
- não estiver gripado ou tomando algum medicamento;
- não tiver doado há menos de três meses;
- não ter contraído hepatite, sífilis, malária ou doença de Chagas;
- não tiver hábitos homossexuais ou bissexuais;
- não tiver contato com viciado em drogas ou suspeito de Aids;
- não ingerir bebida alcoólica há menos de 24 horas;
- não estiver no período menstrual;
- não for anêmico;
- não tiver feito cirurgia importante há menos de seis meses;
- pesar mais de 50 quilos;

Antes de fazer a triagem do sangue, o doador responde um cadastro e passa por uma pequena entrevista. Depois, são feitos alguns exames laboratoriais para identificar peso, altura e pressão.

O doador não deve fazer a coleta em jejum, mas também não pode comer alimentos pesados ou gordurosos. Depois da doação, é servido um lanche.

Quinze dias depois, o Hemosc entrega os resultados dos exames.

H.U. faz a primeira construção total de bexiga do mundo

M.E.D. tinha extrofia de bexiga e usava uma bolsa artificial

O professor titular de Cirurgia da UFSC, Doutor Paschoal Felipe, acompanhado de uma equipe de seis médicos, mais anestesistas, enfermeiros e psicólogos, realizou no dia 29 de outubro a primeira cirurgia de construção total da bexiga urinária e uretra do mundo. A operação foi realizada no Hospital Universitário e começou às oito horas da manhã, estendendo-se até as onze e quinze da noite. A paciente, M.E.D., de 33 anos, veio de Goiânia para se submeter à cirurgia. Ela passa bem e ficará internada durante todo o mês de novembro para que os médicos possam acompanhar o funcionamento da nova bexiga.

M.E.D. nasceu com extrofia da bexiga — quando o órgão fica aberto na superfície da pele, não permitindo continência urinária — associada a problemas nos órgãos genitais. De acordo com diagnósticos anteriores, ela tinha agenesia de vagina (ausência congênita da vagina). A paciente já tinha se subme-

tido a oito cirurgias, que devido à falta de técnicas adequadas, visavam apenas dar condições para que ela vivesse. Antes da operação, a paciente portava uma bolsa plástica junto ao abdômen, com a função de coletar urina, fazendo o papel da bexiga.

A cirurgia empregou uma nova técnica, desenvolvida na Universidade de Mainz, na Alemanha, e que havia sido testada apenas em cinco simulações com cadáveres na Universidade de Frankfurt. A técnica consiste em construir uma bexiga urinária artificial com o autotransplante de cerca de 30 centímetros dos intestinos delgado e grosso, utilizando-se o apêndice como uretra. No caso de M.E.D., a operação não se resumiu apenas à construção da bexiga, pois a paciente apresentava mais problemas.

Além de extrofia da bexiga, ela tinha a fusão total dos pequenos lábios — e não agenesia de vagina, como se acreditava anteriormente —,

seus dois rins em funcionamento ficavam do lado esquerdo do corpo, com um rim atrofiado do lado direito, útero bicorno (duplicação do útero), duplicação completa do intestino grosso e um cisto de ovário. Para agravar a situação, haviam as aderências das operações anteriores, que levaram cinco horas para serem desfeitas pelos médicos para que se pudesse iniciar a cirurgia propriamente dita.

“O abdômen da paciente foi fechado às seis da tarde, e então iniciou-se a cirurgia plástica no local, para retirar as cicatrizes anteriores e refazer o umbigo, que desapareceu nas outras cirurgias”, conta o dr. Paschoal. A construção da bexiga de M.E.D. começou às oito da manhã, com a marcação da região a ser cortada. Em seguida, foram marcadas as cicatrizes e abriu-se o abdômen. Retirou-se então as aderências e descobriu-se um cisto gigante no ovário, que foi prontamente removido. Após esta parte de cirurgia,



a equipe médica fez o inventário da cavidade abdominal da paciente e isolou-se a nova bexiga.

Reconstruído o tubo digestivo e feita a bexiga, fechou-se o abdômen, passando então para a parte genital da cirurgia, comandada pelo ginecologista Édson Fedrizzi. Nesta parte da operação ocorreu a reconstrução estética e funcional da vagina.

“As doenças dos órgãos urinários e genitais acometem um número muito maior de indivíduos do que se imagina, mas os comentários públicos são restritos por se tratarem de órgãos íntimos”, alerta o dr. Paschoal. A primeira cirurgia de reconstrução de bexiga que se conhece data de meados do século XIX, e foi realizada por Sir Simon, na Inglaterra. Ela não teve sucesso pois na época não haviam antibióticos. “Mas o método utilizado foi o correto”, lembra Felipe. Os primeiros sucessos foram alcançados após a segunda guerra, com os avanços da ciência, como a descoberta de antibióticos e o domínio das técnicas de anestesia.

A operação do dia 29, realizada totalmente de graça, aproveitou a semelhança entre as musculaturas para fazer o apêndice desempenhar o papel da uretra. O dr. Paschoal calcula que se a cirurgia fosse paga, entretanto, custaria até 300 mil dólares.

Operação inédita — A nova bexiga de M.E.D. tem a capacidade de 600 ml, du-

A cirurgia contou com sete médicos e demorou quinze horas

zentos a mais do que as bexigas normais, e foi testada com sucesso no dia 8 de novembro, data em que a paciente foi transferida da UTI para um quarto na enfermaria. Foi neste dia também que o dr. Paschoal Felipe revelou ao Zero o ineditismo da cirurgia. Anteriormente ele afirmava que as outras operações haviam sido realizadas em pacientes vivos.

Paschoal Felipe espera, com a realização de uma cirurgia deste porte no Hospital Universitário, obter um maior apoio das instituições governamentais brasileiras de fomento à pesquisa. O diretor clínico do HU, dr. Carlos Eduardo, revela que a intenção é tornar uma cirurgia inédita em cirurgia de rotina, e espera que o hospital se torne centro de referência para estudantes e médicos do País e do mundo.

A equipe médica que realizou esta cirurgia inédita contou com o urologista Paschoal Felipe, o ginecologista Edson Fedrizzi, o proctologista Felipe Felício, o urologista Osvaldo Vieira, o cirurgião vascular Edson Cardoso e os cirurgiões Cláudio Oliveira e Márcio Cunha. Participaram da intervenção também quatro anestesistas, uma equipe de enfermagem e dois psicólogos.

**Textos e fotos
Paulo Tarso**



Operação não se resumiu apenas à bexiga pois a paciente tinha problemas nos órgãos genitais

Devastação reduz Mata Atlântica



Mais de 28% da Mata Atlântica brasileira está em Santa Catarina, mas o estado ainda não decidiu fazer o tombamento da área



Descaso do governo faz com que SC deixe de ganhar US\$ 6 milhões do Banco Mundial em três anos

O descaso de sucessivos governos estaduais fez Santa Catarina perder boa parte de suas maiores riquezas. Dos cinco estados que formaram em 1988 um consórcio para proteger a Mata Atlântica, Santa Catarina é o único que não concluiu o tombamento da floresta. Sem uma proteção legal efetiva da floresta, o estado não foi incluído no Plano Nacional de Meio Ambiente (PNMA) e está deixando de receber 6 milhões de dólares do Banco Mundial para programas ambientais no período 1991-94.

O tombamento é ainda condição essencial para que a mata catarinense seja reconhecida pela Unesco como patrimônio da humanidade. Esse reconhecimento permite a criação de uma Reserva da Biosfera, estabelecendo formas de exploração racional da floresta e centro de pesquisa e monitoramento. A reserva inclui ainda programas de educação ambiental e de interação das comunidades locais com o ecossistema. Os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Paraná já conseguiram o reconhecimento da Unesco. O mesmo aconteceu ano passado com Minas Gerais, que aderiu ao consórcio em 1989.

Atraso — O processo de tombamento em Santa Catarina dependia de um parecer técnico da Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (Fatma) concluído em dezembro do ano passado. Iniciados em 1987, os estudos sofreram um atraso considerável em relação aos outros estados. São Paulo e Paraná já haviam tombado a mata em 1985 e 1986, respectivamente. No Espírito Santo o processo foi concluído em 1989, no Rio de Janeiro em 1991 e no Rio Grande do Sul em 1992. A Gerente de Estudos e Pesquisas da

Fatma, Selma Mattos Diniz, atribui a demora a "problemas políticos". Diniz acredita que há um temor de que o tombamento prejudique a atividade madeireira no estado, que em 92 foi responsável por 7% do PIB catarinense.

Além disso a falta de recursos impediu a Fatma de levar os trabalhos adiante. A principal dificuldade era o zoneamento da floresta, que exigia a compra de imagens de satélite. Se dependesse das verbas do governo do estado, os estudos nunca seriam terminados. Apenas em 1990 a Fatma conseguiu, emprestado pelo Ibama, um estudo da Fundação SOS Mata Atlântica baseado em imagens do sistema Landsat. O parecer técnico da Fatma foi entregue em janeiro deste ano a Fundação Catarinense de Cultura, que deveria proceder o tombamento.

Abuso da lei — Mas o processo ainda esbarrou em problemas legais. A lei estadual 5.846, de 22/12/80, que regulamenta a proteção ao patrimônio cultural, não reconhece bens ecológicos como passíveis de tombamento. "É um absurdo que só existe em Santa Catarina", afirma Dalmo Vieira Filho, diretor de Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura. O governador já encaminhou à Assembleia Legislativa, um projeto de alteração da lei. Segundo Vieira Filho, a Fatma sugeriu que o tombamento fosse promulgado mesmo antes da aprovação do projeto de lei. "Nós preferimos não fazer desse modo para evitar recursos da justiça".

Outro problema é comunicar a todos os proprietários da área a ser tombada. São 24.661 quilômetros quadrados, abrangendo 106 municípios e milhares de propriedades.



Trata-se de um corredor de 500 quilômetros de extensão e até 250 de largura sobre as Serras Geral, do Mar e regiões costeiras onde moram 2,2 milhões de pessoas. A lei obriga que os proprietários sejam notificados para em 15 dias aceitarem ou impugnarem o tombamento. A Fundação ainda não sabe nem o número de pessoas que devem ser comunicadas e está estudando o problema.

Enquanto questões políticas e burocráticas não são resolvidas, a floresta e o estado saem perdendo. Em 1985, Santa Catarina era o estado que continha os maiores remanescentes de Mata Atlântica no Brasil. Entre 1985 e 1990, foram desmatados 6,11% da floresta, ou 99.412 hectares, uma área maior que o parque estadual da Serra do Tabuleiro (90.000 ha), a maior reserva do estado. Os ecossistemas associados, como restingas e mangues, perderam 1.789 ha, cerca de 2% do que havia em 85. O que restou hoje da Mata Atlântica no estado equivale a 1.530.000 ha, um pouco menos do que há em São Paulo.

Madeira clandestina

— A partir de 1990 um decreto federal proibiu qualquer desmatamento em área de Mata Atlântica. O decreto 99.547, assinado em setembro de 90 pelo então presidente interino da República, Itamar Franco, deveria ter vigência curta até que fosse regulamentada a exploração da floresta. A inflexibilidade da lei acaba estimulando cortes clandestinos. O superintendente estadual do Ibama, Sérgio El'Kouba, admite

que há dificuldades de fiscalização. No ano passado foram encontradas árvores caídas na Reserva Indígena de Ibirama. Os fiscais do Ibama precisam de autorização da Funai e da Polícia Federal para entrar em reservas indígenas. Segundo El'Kouba, a fiscalização deve passar a ser feita nas madeiras, onde é possível reconhecer a origem da madeira pelo tipo de árvore extraída da floresta.

Esses desmatamentos clandestinos podem dar menos lucro do que um uso racional dos recursos da Mata Atlântica. O biólogo Ademir Reis, da Universidade Federal de Santa Catarina, estudou por quatro anos um método de exploração sustentado do

palmiteiro. Cortando apenas as plantas maiores, Reis conseguiu uma produtividade de 17 kg por hectare ao ano, o que equivale a 57 vidros de palmito. Como o palmiteiro demora 15 anos para se recuperar, o corte indiscriminado em uma área igual produziria 14 quilos por hectare ao ano, ou 46 vidros. O método de manejo de rendimento sustentado de Reis tem uma produtividade 24% maior, sem destruir a mata.

Plantas que curam

— A Mata Atlântica é a floresta mais rica em espécies do mundo e uma das mais ameaçadas. Das espécies já conhecidas pelos cientistas 10% estão na Amazônia e na Mata Atlântica. Muitas plantas

sequer foram estudadas e podem guardar segredos valiosos para a cura de muitas doenças. Reduzida a 5% de sua cobertura original, as áreas mais preservadas da Mata Atlântica formam um corredor contínuo do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. São remanescentes que cobrem as Serras do Mar, Geral e da Mantiqueira em escarpas de difícil acesso. Nos domínios da floresta estão as maiores cidades do país, onde vivem 80 milhões de pessoas, mais da metade da população do Brasil. Os maiores pólos industriais também estão nessa região e são responsáveis por 80% do PIB nacional.

Santa Catarina é o estado que possui informações mais detalhadas sobre

Entre 85 e 90 foram desmatados 95 mil hectares da Mata, comprometendo a vida de corujas, garças e micossilhões. Paisagens, como estas do Parque do Tabuleiro, estão sendo destruídas

a floresta. Graças aos botânicos Raulino Reitz e Roberto Miguel Klein, que estudaram a Mata Atlântica catarinense por trinta anos, hoje nenhum estado tem informações tão minuciosas. O padre Raulino Reitz classificou 500 novas espécies, até então desconhecidas. Essas informações foram publicadas pelo Herbário Barbosa Rodrigues, desde 1951, nos 250 volumes da coleção "Flora Ilustrada Catarinense". Segundo a Fatma, Santa Catarina detém 28% do total de remanescentes da floresta no país.

Enquanto a Reserva da Biosfera não sai do papel, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) aprovou a regulamentação do decreto que vai permitir a exploração econômica da Mata Atlântica. O decreto 750 de 10/02/93 foi aprovado em outubro e deve entrar em vigor ainda em novembro, substituindo a lei que proíbe qualquer corte na floresta. Pela nova legislação, segundo El'Kouba, o Ibama vai autorizar cortes que não excedam o limite de crescimento natural da mata. Sem o tombamento e os recursos do Banco Mundial porém, vai ficar mais difícil deter os desmatamentos clandestinos.



As queimadas são a principal causa da destruição da Mata

**Texto Carlito Júnior
Fotos Victor Carlson**



O prefeito (esquerda) e o secretário da administração municipal não aceitam o resultado da última eleição da associação

Oligarquia de Imaruá domina pescadores há seis décadas

Grupo de oposição ameaça poder da família Bittencourt ao vencer eleição para Colônia de Pesca

Imaruá é uma colônia de pescadores de cerca de 14.600 habitantes, localizada às margens da Lagoa Imaruá, a cerca de 150 Km ao sul de Florianópolis. Quem passa pelas ruas calmas, limpas e arborizadas da cidade, não faz idéia da podridão escondida pela fachada dos prédios públicos. Eleições fraudulentas, incêndios criminosos, ameaças de morte, corrupção e espancamentos. As pessoas vivem sob um clima constante de tensão e angústia. Essa é a verdadeira atmosfera de Imaruá, a Canapi catarinense. Re-

hesitando em barrar o caminho de quem ousa enfrentá-los. "Não somos ligados a nenhum grupo empresarial. Tudo o que temos é fruto da nossa influência política", diz Epitácio Bittencourt Sobrinho, o Pita, neto do ex-interventor.

Pita mora em uma bela casa na rua Antônio Capanema, no centro de Imaruá, apelidada de "rua dos Bittencourt". A três quadras dali vive a viúva de Pedro, Margarida Bittencourt, de 91 anos, que se orgulha em ser a matriarca do clã. A família controla o



duto "eleitoreiro" da oligarquia Bittencourt, senhora absoluta do poder na região há 63 anos. Os Bittencourt chegaram ao poder em 1930, quando Pedro Bittencourt, um extropeiro natural de Imaruá, foi nomeado interventor no município. Desde aquela época, são quatro gerações de membros da oligarquia criados dentro do círculo do poder, não

cartório da cidade e a única emissora de rádio local. Pita cria bois, é formado em Direito e foi prefeito de 89 a 92. "Meu avô conduzia o partido (PDS) e indicava os candidatos a prefeito, quando não era ele mesmo quem concorria e ganhava". Pedro Bittencourt morreu em 1980, aos 91 anos, deixando vários herdeiros políticos na família.

Pela primeira vez na história de Imaruá, a Colônia Z-17 — associação que reúne a maioria dos pescadores da região — escapou do controle da família Bittencourt. Controlar a entidade significou, durante muito tempo, manter sob domínio os pescadores filiados, e como consequência, uma parcela expressiva da população. Afinal, a pesca é a principal atividade econômica de Imaruá. Desde o dia 16 de outubro, a Z-17 é presidida por Jânio Torres, ex-banqueiro e um dos líderes da oposição do município. "Achei que alguém precisava fazer alguma coisa pelos pescadores porque até agora eles só eram usados para encher os bolsos da oligarquia local", diz.

Jânio tomou posse na associação ao vencer uma eleição conturbada, cujo resultado ainda não foi oficialmente reconhecido pela prefeitura. "A eleição não foi correta porque a Colônia estava sub júdice e o Jânio nem pescador é", afirma o prefeito Aírto Fernandes, do PPR. Jânio Torres se defende afirmando que já trabalhou na Estação de Pesca do Governo do Estado e mostra a carteirinha de pescador, devidamente providenciada meses antes da eleição. "A Colônia sempre foi o caixa-dois da prefeitura e encobriu o enriquecimento ilícito de muita gente". Para ele, a prova da ligação é o fato da prefeitura ter cedido a sala do Mercado Público onde funciona a associação, além de móveis e dois funcionários. Jânio acrescenta que a Z-17 é subordinada à Fepesc (Federação dos Pescadores do Estado de Santa Catarina) e não ao município. "Acredito que a Colônia tenha sofrido um rombo em torno de CR\$ 15 milhões. Os recursos federais e estaduais mandados para cá eram desviados. Foram transformados em cabeça de gado e carro de luxo".

Atirando em todas as direções, Jânio faz uma denúncia ainda mais grave. "O dinheiro da campanha do Amin em 82 passou todo pela prefeitura de Imaruá. Eram malotes e mais malotes que chegavam do Besc Central nos porta-malas dos táxis. Na época,

o Epitácio Bittencourt era o presidente do Tribunal de Contas e eu era gerente da agência do Besc daqui. Vi dinheiro grosso. "Jânio conta que desde essa época já era perseguido por fazer parte da oposição. "Quando Kleinübing foi eleito, a primeira coisa que fizeram foi me transferir para o norte do estado porque eu havia apoiado o governo Pedro Ivo Campos".

Jânio Torres, nascido em Imaruá e atualmente filiado ao PDT, diz que assumiu uma entidade em total desordem. "Não tenho condições nem de informar o número de associados da Colônia. Para se ter uma idéia o antigo presidente, Manoel Brás Pereira, tomava umas quinze cervejas por dia com o dinheiro dos pescadores". Jânio acrescenta que antes nem havia eleição, os editais não eram publicados e bastava um quorum de 77 pescadores para, em assembleia, confirmar o candidato único que se apresentasse. "Que, aliás, era sempre aliado dos Bittencourt", emenda.

O presidente da Colônia também acusa os "poderosos" de Imaruá de terem tentado comprá-lo. Segundo Jânio, o Cel. Afonso Henrique Fortes, militar reformado e atual assessor do prefeito, teria lhe oferecido salário como funcionário da prefeitura para ser presidente sem eleição. "Mas com condição de eu esquecer o passado de Imaruá". Nessa época, Jânio enviou um documento à Polícia Federal, queixando-se das perseguições que estava sofrendo e relatando as irregularidades verificadas na administração da Colônia.

Ataques pelo rádio — As eleições deste ano para diretoria da Z-17 foram polêmicas. Além de Jânio, também concorreu o pescador Antônio Souza da Silva, o Niquinho, cujas sobras do material de campanha ainda se encontram na prefeitura. A votação estava marcada inicialmente para o dia 7 de agosto. Durante três semanas antes desta data, o radialista Eliseu Martins, da Rádio 26 de Abril (de propriedade dos Bittencourt), atacou o candidato da oposição, Jânio Torres. "O Eliseu me caceteou na rádio dizendo que eu não podia ganhar porque não era pescador". Na véspera da eleição, o radialista ameaçou revelar "podres" do passado de Jânio

em seu programa.

Eliseu não imaginava que a reação dos aliados de Jânio pudesse ser tão rápida. Um grupo de quinze pescadores cercou a emissora e tentou impedir à força a continuação do programa. A situação ficou tensa. Foram chamados o delegado, o promotor e o juiz. Este último expediu uma liminar proibindo Eliseu de citar o nome do candidato nas transmissões. "Ele ficou tão nervoso que entrou no ar gaguejando", lembra Jânio. Eliseu, que tem 25 anos de profissão, também não esquece aquele dia e ameaça em



Antônio Francisco do Nascimento pesca desde os 15 e apóia Jânio

tom de blefe: "o que eu sei do passado dele vou contar na hora certa. Minha briga com esse pessoal ainda nem começou".

Depois do tumulto, as eleições foram adiadas para 12 de outubro, através de decisão judicial. O juiz, que já foi transferido de Imaruá, alegou "inexistência de clima" para a votação. Porém Jânio acredita que houve interferência por parte do deputado estadual Pedro Bittencourt Neto e de seu tio, Epitácio Bittencourt, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado. "Eles vieram a Imaruá naquele dia para pressionar as autoridades e garantir o cancelamento das eleições".



Segundo Jânio Torres, a Z-17 era o caixa-dois da Prefeitura

A tensão aumentou com a aproximação da nova data. Eliseu continuou divulgando pelo rádio que não haveria eleição. "Eles queriam evitar a concentração de pescadores no centro da cidade", diz Jânio. No dia marcado, o presidente da Fepesc, Ivo Silva, chegou a Imaruá com a urna. Jânio pediu a ele que chamasse os pescadores pelo alto-falante. "Estávamos dispostos a realizar a eleição de qualquer jeito". Na versão do radialista, o presidente da Fepesc foi trancado dentro de um carro e obrigado a convocar a votação: "eles fizeram tudo

O deputado Pedro Bittencourt Neto também não reconhece a validade da eleição. Segundo ele, Imaruá tem cerca de dois mil pescadores e esse número de votos é inexpressivo. Pelos cálculos de Jânio, apenas 400 ficaram sem votar. A chapa derrotada ainda tentou impedir a posse, mas o juiz de Laguna, que está respondendo por Imaruá, garantiu que ele assumisse a presidência da Colônia.

Briga política — Para Jânio, Imaruá é diferente de qualquer outro lugar do estado. "Aqui, se você é contra o esquema, não botam nem luz na sua casa. Mas isso está diminuindo. O povão não quer mais saber dessa gente". Já para os integrantes da situação, o que a nova diretoria da Colônia quer é dominar a cidade. "Eu não admito uma eleição feita na marra, como eles fizeram", diz o prefeito Aírto Fernandes. Jânio acha que conquistou o cargo porque mostrou a "verdade" aos seus eleitores: "os Bittencourt não sabem nem embarcar numa canoa. Só sabem explorar pescadores".

Antônio Francisco do Nascimento, 60 anos, pesca desde os 15. Ele diz que votou em Jânio e garante apoio ao novo presidente da associação. "Ele tem nos tratado muito bem. Acho até que deveria ter sido eleito há mais tempo, para nos ajudar na fiscalização da pesca clandestina, que é o nosso maior problema".

Jânio quer buscar recursos junto a fundações estrangeiras ligadas a meio-ambiente para a despoluição da lagoa. "O Ibama não tem interesse nisso, pois é comprometido com um esquema de criação artificial de camarão", desafia. Outra providência de Jânio é a realização de uma auditoria para comprovar as suspeitas de desvio de verbas da Colônia. Porém, estranhamente algumas horas depois de ter prometido apresentar extratos bancários que comprovariam suas denúncias, Jânio Torres não foi mais encontrado em Imaruá. Os funcionários da Colônia informaram que ele havia viajado às pressas para Laguna, e de lá, para Florianópolis.

Texto Alexandra Baldisserotto
Reportagem Josemar Sehnem e Luciane Lemos
Fotos Victor Carlson

A galeria dos Bittencourt

Pedro Bittencourt

Nomeado interventor de Imaruá por Getúlio Vargas em 1930. Casou-se com Margarida Bittencourt, com quem teve nove filhos.



Epitácio Bittencourt

Foi deputado estadual por seis mandatos e foi eleito para a Câmara dos Deputados pelo PDS em 82. É hoje 1º conselheiro do Tribunal de Contas do Estado. Em janeiro de 83, era presidente da Assembleia e assumiu interinamente o governo do estado. Já foi secretário de Justiça e presidente do TCE.



Pedro Bittencourt Neto



Está no terceiro mandato como deputado estadual, pelo PPR, e ocupa atualmente a 1ª vice-presidência da Assembleia Legislativa. Já foi secretário estadual de Justiça e da Casa Civil.

Epitácio Bittencourt Sobrinho (Pita)

Foi prefeito de Imaruá pelo PDS. Dirige a Rádio 26 de Abril e os demais negócios da família.

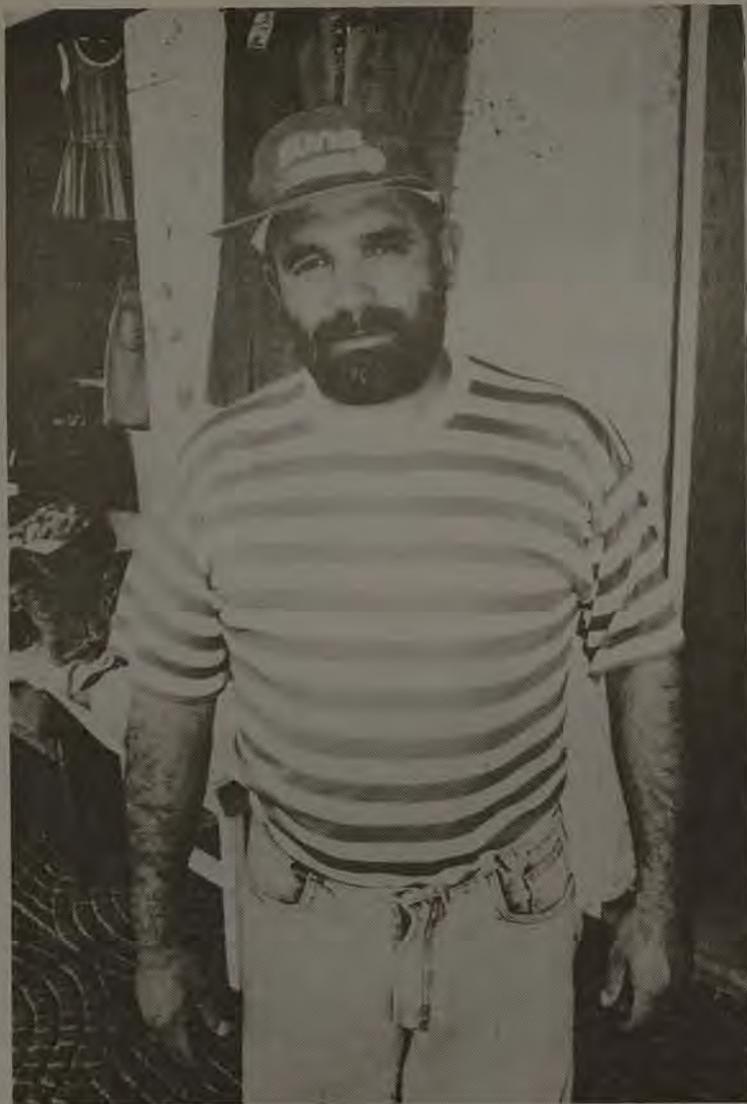


Dolomeu Bittencourt Junior

Neto do patriarca Pedro Bittencourt. É líder da bancada do PPR na Câmara de Florianópolis e acumula o cargo de chefe de gabinete do deputado Pedro.

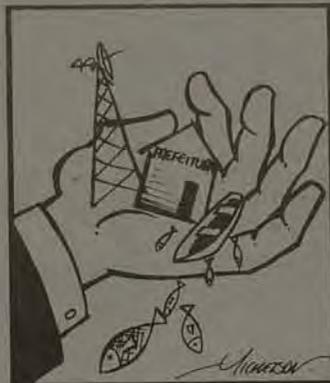


O município produz 1440 toneladas de peixe e camarão por ano



Ex-vereador Ademir Raimundo: atacado quando impedia compra de votos

Violência cresce e toma conta da cidade em época de eleição



Impasse na votação do ano passado para prefeito ainda não foi solucionado e gera polêmica

A cada ano eleitoral a cidade de Imaruí ferve. De acordo com o delegado Amilton Manoel Ramos, em época de eleição o movimento da delegacia aumenta. No ano passado, a oposição acusou a existência de fraude nas eleições municipais e pediu recontagem dos votos; o prefeito eleito morreu antes de tomar posse; um ex-vereador da oposição foi espancado por quatro homens e a rádio da família Bittencourt foi incendiada na noite de Natal.

Em Imaruí há apenas duas facções políticas. De um lado está o PPR, respaldado pela oligarquia Bittencourt. De outro, a UDI (União para o Desenvolvimento de Imaruí), frente de oposição formada pelo PMDB, PDT e PL. A UDI não aceitou o resultado final das últimas eleições, que deu a vitória ao candidato da situação por apenas 75 votos, de um total de cerca de 12.400 eleitores. Isto significa uma vantagem de aproximadamente 0,5% para o candidato eleito. "Reconheço que foi uma vitória difícil, mas não há motivo para recontagem. Eles devem estar incoformados por terem perdido por uma pequena diferença", diz o atual prefeito Airto Fernandes, do PPR.

Voto a cabresto — O pedido da recontagem dos votos ainda não foi julgado. "O correto seria a realização de novas eleições", defende o presidente da Colônia Z-17, Jânio Torres, de olho na cadeira do prefeito. Os integrantes da oposição acusam os escrutinadores e os presidentes das mesas de conhecerem todos os macetes para fraudar a votação. "Em Imaruí, ainda

funciona o esquema de voto e cabresto: o eleitor já chega com a cédula preenchida e só tem o trabalho de depositá-la na urna", conta Ademir Raimundo, 40 anos, ex-vereador pelo PMDB.

O prefeito Airto Fernandes concorreu como vice de Lúcio Carlos Faust, que teve uma crise hipertensiva e morreu antes de assumir a prefeitura. Eu, como médico posso afirmar que ele faleceu por causa da pressão da oposição. Foram vários telefonemas anônimos e ameaças de morte", garante Fernandes. Apesar disso, os Faust ainda estão representados na prefeitura de Imaruí. O filho de Lúcio Carlos, Sérgio Faust ocupa o cargo de Secretário de Administração Municipal. "Ele manda mais que o prefeito", afirma o ex-vereador Ademir Raimundo. "Pode nomear e demitir quem ele quiser, protegido por uma lei municipal que lhe dá amplos poderes".

Barganha — O ex-vereador Ademir foi agredido durante as eleições do ano passado. "Eu estava tentando impedir que cabos eleitorais da situação comprassem votos, quando quatro capangas me atacaram", diz mostrando as cicatrizes no rosto. "Por causa disso, tive que fazer duas cirurgias no nariz". Ademir acusa a oligarquia local de ter instalado a "indústria da miséria" em Imaruí. "Aqui o povo vive humilhado e reprimido. Os políticos adoram que os pobres peçam coisas na prefeitura. Assim, eles podem barganhar os votos da próxima eleição". O ex-vereador registrou a agressão na delegacia local, mas é conhecido por se meter em encrencas. Ele tem passagem na polícia por tentativa de homicídio e assédio sexual.

Outro registro na delegacia local é do incêndio que

destruiu parte da Rádio 26 de Abril na noite de 24 de dezembro do ano passado. Até hoje, ninguém foi responsabilizado pela polícia por falta de provas. O diretor da emissora, Epitácio Bittencourt Sobrinho, não falou sobre o assunto, mas o radialista Eliseu Martins acredita que foi "obra da oposição". Eliseu conta que tanto ele próprio quanto seu patrão vinham recebendo ameaças de morte e telefonemas anônimos. "Ligaram pro Pita e avisaram que ele ia receber um presente na noite de Natal".

De fato, naquela noite, o fogo destruiu 80% dos discos, todo o equipamento de gravação e um transmissor da rádio, que existe há 26 anos. Há três meses, houve novo princípio de incêndio no local, porém dessa vez, só algumas fitas foram queimadas. A polícia encontrou indícios de sabotagem mas continua sem provas. "O lugar é muito deserto e o serviço foi bem feito", diz o delegado Amilton Ramos. Para ele, é natural que houvesse revolta depois da polêmica criada pelo programa de Eliseu. "Afim de raio de imprensa é essa que só beneficia um lado?"

Briga Política — O radialista Eliseu Martins define seu estilo como crítico e tem cerca de 40 processos nas costas. Mesmo trabalhando há apenas um ano na 26 de abril, ele já atraiu para si toda briga política do município. " Perguntem ao Dr. Odimar Pacheco (ex-candidato a prefeito da oposição) como foi que ele chegou em Imaruí. Não tinha nada, se fez aqui com a ajuda dos Bittencourt e ainda diz que sofreu perseguição". O ex-candidato é médico e foi expulso do corpo clínico do hospital de Imaruí, que é controlado pela dinastia local.

Eliseu Martins agita a política local no programa que apresenta na Rádio 26 de Abril



Padre denuncia coronéis e sofre ameaças

Como todos os que ameaçaram os interesses dos Bittencourt, o padre Rafael Schlickmann, 31 anos, foi neutralizado. Depois de denunciar o sistema coronelista de Imaruí durante as eleições municipais, ele começou a receber telefonemas anônimos e ameaças públicas de morte. Sua resistência e determinação em "levar adiante as coisas em que acredita e se faz necessário defender frente as injustiças", conforme está registrado no livro-tomo, irritou a oligarquia local.

A morte do prefeito eleito, Lúcio Faust, anunciada publicamente pelo padre, serviu como desculpa para um tumulto do lado de fora da igreja. E mais ameaças foram feitas. Rafael só não foi morto porque conseguiu escapar pelos fundos, pegar o carro e deixar a cidade junto com o padre Luiz. Depois de passar por Florianópolis, foi para a Chapada dos Guimarães, onde está até hoje.

Nas páginas 233 e 234 do livro de registros da igreja o padre descreveu o que havia acontecido. "Eu, padre Rafael e meu irmão no sacerdócio e trabalho, padre Luiz, após muitas intimidações, censura, boicote do nosso trabalho e ameaças, eles atentaram contra a minha vida. Mas Deus na sua bondade, livrou-nos das mãos dos assassinos. Tivemos porém de retirar-nos da cidade no dia 11 de outubro de 1992".

Expulsão — Padre Rafael foi o décimo segundo a sair de Imaruí debaixo de ameaças e calúnias diante da população. Antes dele, nos últimos nove anos, 10 padres sofreram calados e foram expulsos. A relação é a seguinte: padre Edigio (1983); padres Ludgero e Celso (1984); padres Samiro, Antônio Leandro e Marcos Rech (1986); José Lima Buin e Pedro Debiase (1988); José Cífrano (1991) e padre Lucas (início de 1992).

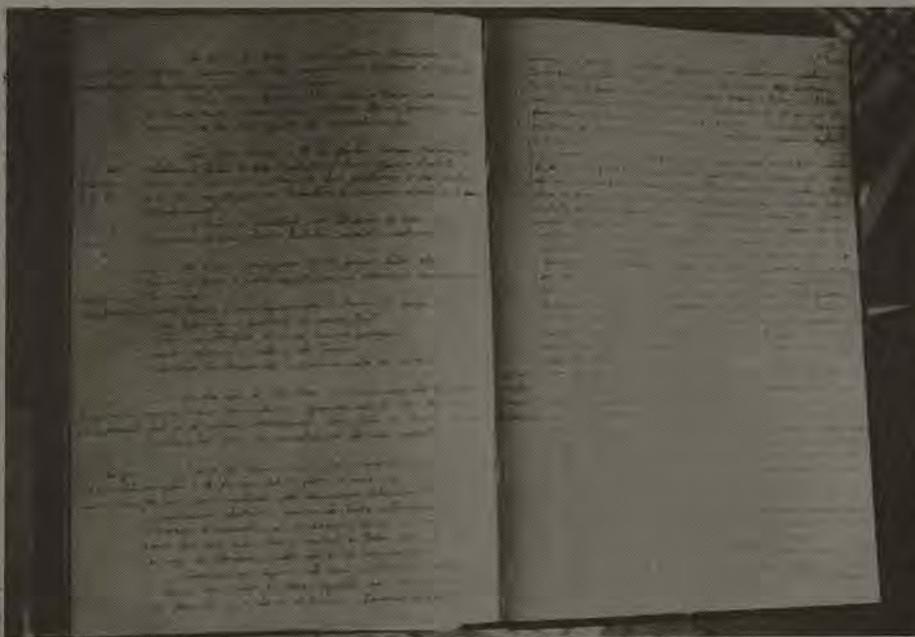
Padre Rafael classificou à época a prática utilizada pelo grupo dominante de ditadura. "Eles mandam no hospital, nas escolas, na rádio e querem guiar os passos da igreja". O padre apontou até mesmo o ex-prefeito, Epitácio Bittencourt Sobrinho, como uma das pessoas que o ameaçaram no rádio 26 de abril, de propriedade da família Bittencourt. E foi além, responsabilizando o ex-prefeito pelo corte da transmissão da missa dominical e do programa da igreja que ia ao ar às 18h.

Mesmo 12 dias depois das eleições municipais, e com os padres Rafael e Luiz fora da cidade, a Diocese de Tubarão decidiu cancelar as celebrações religiosas na matriz e nas capelas por motivos de segurança. O padre Valdemar Carminati decretou, na ocasião, a proibição de todas as celebrações dos sacramentos na paróquia de Imaruí por tempo indeterminado. Segundo o decreto do padre Valdemar, autorizado pelo bispo de Tubarão, D. Hilário Moser, casamentos e batizados poderiam ser realizados nas paróquias vizinhas de Imbituba e Cabeçuda.

Segundo os jornais da época, enquanto os 12 padres da Diocese de Tubarão anunciavam o fechamento da igreja o clima nos bancos se dividia. A população chorava. E no mesmo instante alguém acusava os padres pela morte do prefeito eleito, Lúcio Faust.

Repúdio — O trabalho de consciên-

O vigário de Imaruí teve que fugir da cidade depois de se envolver na política local. A igreja ficou 40 dias fechada



O livro-tomo guarda o relato das pressões sofridas e mais parece um boletim de ocorrência



Durante o sermão, Padre Rafael alertava os fiéis para as injustiças cometidas em Imaruí



tização dos padres Rafael e Luiz foi apoiado pela Igreja. Em 15 de outubro do ano passado o Conselho Diocesano de Tubarão emitiu uma nota manifestando seu repúdio diante dos acontecimentos e se solidarizou com eles. A nota afirmava que os padres foram intimidados e por isso impossibilitados de transitarem livremente pelas estradas que levavam às comunidades da paróquia, contrariando a Constituição, que dá plena liberdade de ir e vir a todos. A nota destacava ainda as acusações injustas levantadas e creditadas aos padres, como as manifestações de indignação e inconformismo da população com o resultado das eleições municipais.

O vigário geral da Diocese de Tubarão, padre Valdemar Carminati, alertou que "padre Rafael assumiu uma posição de defesa dos oprimidos, amparado pelo Evangelho. Além disso, Imaruí é um caso típico. E o padre, naquele momento, teve que assumir uma posição partidária porque era o único meio de transformação da sociedade.

Atuação política — Mas o prefeito da época, Epitácio Bittencourt Sobrinho, insistia em acusar os padres e atacava principalmente o padre Rafael. "Ele tomou uma atitude partidária e como político teve que ser tratado". E comentou ao jornal A Notícia que "deveria ser criada uma lei determinando a desincompatibilização dos padres quando atuassem politicamente".

O atual prefeito, Airto Fernandes (PPR), é outro que não hesita em alfinetar os padres. Mesmo antes de ser perguntado a respeito do assunto, o prefeito fez questão de afirmar que "a Igreja precisa ter uma posição neutra". E garantiu que "a própria população fez pressão e expulsou os padres."

Contrariando o argumento do prefeito há quem garanta que, se dependesse da população, padre Rafael estaria em Imaruí até hoje. Após o fechamento da igreja completar duas semanas, a população se organizou e tentou conversar com o bispo de Tubarão para que o decreto do Conselho Diocesano fosse revogado e as atividades religiosas retomadas. Por conta da oposição, encabeçada por Odimar Pires (PL), candidato derrotado nas eleições municipais, ficou o compromisso de reunir "um grande número de católicos" para ir a Tubarão tentar convencer o bispo a manter os padres Rafael e Luiz na paróquia de Imaruí.

A igreja foi reaberta depois de 40 dias, mas apesar dos esforços ficou determinada a ida do padre Carlos Wecki para Imaruí. O padre esteve no local por 7 meses e depois foi substituído pelo padre Ademar Fauer, a dois meses na igreja.

O pouco tempo de permanência em Imaruí já rendeu ao padre Ademar a visita das autoridades locais. O atual prefeito deixou de lado sua agenda de compromissos e resolveu dar as boas-vindas ao novo padre. Acenando com uma proposta de amizade e convivência pacífica, o prefeito questionou os sermões do padre por denunciarem a exploração da população. Padre Ademar afirmou que só estava dizendo a verdade e que se a Igreja se subordinar ao grupo, denominação dos Bittencourt, vai virar Satanás.

Luciane Lemos

Água de poço é melhor que a da Casan

A população do interior reclama da qualidade da água e busca saídas construindo poços particulares



Há cerca de vinte anos Alípio Duarte, o seu Alípio, montou uma rede alternativa de distribuição de água na Praia da Armação. Como desde aquela época a Casan ainda não levou água até lá, a família Duarte aproveita para faturar cerca de 350 mil cruzeiros reais por mês. É que a cachoeira de Quincas Duarte, o filho de seu Alípio que agora controla o negócio, abastece cerca de 80% das casas da Armação. O verão é o único problema: A população aumenta, a chuva diminui e muita gente fica sem água.

O caso da Armação é peculiar, porém não é o único. A rigor quase todas as comunidades do interior da ilha de Santa Catarina não são servidas por água encanada. Como na Armação, moradores de Ingleses, Tapera, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa precisam encontrar meios alternativos para conseguir água. Na maioria das vezes a solução encontrada é a perfuração de poços artesanais. Mas nem sempre os poços dão água de boa qualidade. É fácil encontrar água salgada no subsolo, o que se constitui num dos principais problemas para aqueles que dependem de poços.

Água ruim — A Casan também usa técnicas de captar água no subsolo para abastecer algumas áreas. E, conseqüentemente, muitas vezes não consegue água de boa qualidade. Na Barra da Lagoa existem vários poços artesanais que abastecem quase toda a região. Porém, a água é muito rica em ferro e mesmo as sete bandejas de carvão que existem no local para filtrar, não conseguem tirar a ferrugem. A conseqüência é uma água de sabor forte e amarelada. Praticamente ninguém toma a água que é distribuída pela Casan na Barra.

A maioria vai buscar água para beber na Lagoa ou em alguma nascente por perto. A cada dois dias Alice Pereira vai à casa da filha na Lagoa buscar um galão de água para sua casa. Ela conta que a água distribuída pela Casan é ruim até para tomar banho. "A gente fica com o cabelo todo duro, parece que saiu do mar. E shampoo não adianta, fica duro do mesmo jeito". Outra reclamação de Alice é o preço da água cobrada pela Casan. Segundo ela, o valor é calculado através do número de torneiras. Alice garante que ninguém da Casan esteve em sua casa para verificar o número

exato. "Eu não tenho 15 torneiras em casa, eles devem ter vindo aqui e falaram: essa aí deve ter umas 15 e foram embora sem nem entrar na minha casa", reclama ela. A Casan afirma que o preço cobrado é usual. "Existe um valor médio estipulado pelo Banco Mundial, meio dólar por metro cúbico", afirma o engenheiro André Labanovsky. O que Alice não entende é como se calculam os metros cúbicos através do número de torneiras.

Água da Fonte — Bem perto de toda esta confusão existe um oásis. É a Fortaleza da Barra que fica às margens do Canal da Barra. Lá ninguém recebe água distribuída pela Casan. "Eu nem quero, a Casan aqui só ia me dar dor de cabeça", diz Telmo Gentil o proprietário de um pequeno bar na beira do Canal. Toda a fortaleza é abastecida por uma água de ótima qualidade extraída de fontes e poços.

Getúlio Jorge é um dos que conhece os dois lados da moeda. Ele mora bem na entrada da Fortaleza e ainda recebe a água que é distribuída pela Casan na Barra da Lagoa. Segundo ele, a água só serve para regar a grama e tirar a areia do corpo. "Nem para lavar o carro serve, come a pintura toda", garante ele. Getúlio tem uma fonte nos fundos do quintal. Com ela abastece a casa e a de mais dez vizinhos. "Isso aqui é que é água de primeira qualidade, não aquela porcaria da Casan", diz ele levantando um copo de água cristalina.

Soluções distantes — Pra tentar resolver estes problemas a Casan tem um projeto para abastecer a costa sul e leste usando a Lagoa do Peri como manancial. Mas apesar de estar no papel há vários anos, nem o levantamento de custos foi feito ainda. Segundo André Labanovsky tudo está pronto, o que falta é o dinheiro. A Casan diz não ter recurso algum para investir em obras. A principal financiadora, a Caixa Econômica Federal não empresta enquanto o estado

Seu Alípio foi o primeiro a montar uma rede própria para distribuir água na Armação. Hoje, o negócio rende em um mês quase CR\$ 350 mil



Torneiras vazias são constantes em alguns bairros

não rolar suas dívidas com a União. Por isso quase todas as obras estão paradas.

A diretoria da Casan explica também que hoje mais de 90% do que a empresa arrecada é gasto na folha de pagamentos. A Casan tem 2956 empregados com um salário médio de 48 mil cruzeiros reais. Para o vice-presidente do Sindicato dos Funcionários em Saneamento (SINTAE), Gilmar Salgado, a empresa está entrando em um processo de terceirização, contratando empreiteiras para fazer serviços que os próprios técnicos poderiam executar. E cita o exemplo da Casan ter contratado uma empreiteira para fazer leitura e entrega de fatura. "Estão entregando o caixa da empresa", afirma. A maioria dos funcionários é contra a terceirização: "Usar empreiteiras para obras tubo bem, é economia. Agora, para fazer leitura de relógio e entrega de fatura é piada. Está cheio de gente

aqui dentro que pode fazer isto", disse um funcionário que não quis se identificar.

Sobre o tempo necessário para concluir o projeto costa sul e leste, os engenheiros da Casan têm uma resposta em comum: "Dois, três, cinco anos, talvez". Segundo Labanovsky, só por um milagre as obras começariam. "Se o senado aprovasse a rolagem da dívida do estado, se a Caixa liberasse o financiamento, e o estado entrasse com o restante, ainda assim só daqui a um ano as máquinas começariam a chegar na Lagoa do Peri", disse. Enquanto isso, a população da maior parte da ilha vai continuar tomando água salgada e saindo do banho com o cabelo duro.

**Texto e fotos
Yan Boechat**



Papai, eu quero um livro

Crianças e adolescentes salvam o mercado de livros da capital

CULTURA CULTURA CULTURA
ESPECIAL

Os livros didáticos e infantis se transformaram nas vedettes do mercado livreiro de Florianópolis. Hoje nos meses que antecedem as aulas, 80% do faturamento das vinte livrarias da Ilha depende da venda de escolares. No último ano, o consumo de infantis aumentou em 15% segundo o divulgador da distribuidora catarinense, Rogério Espíndola. Na Livraria Catarinense, uma das maiores do Estado, dos 400 exemplares comprados por dia, mais da metade são infantis e didáticos. Amparado na nova descoberta, o mercado cresce: nos últimos dois anos seis novas livrarias foram criadas e de 92 para 93 outras quatro editoras foram fundadas.

O aumento do consumo desses títulos segue uma tendência nacional, que começou a se formar há alguns anos no centro do país. Em 91 a Câmara Brasileira do Livro registrava 873 livros reeditados no Brasil, nas áreas infantil e didática. O número correspondia então a 40% da produção de pouco mais de dois mil títulos da época. Já neste ano o mercado livreiro apontava para uma perspectiva de crescimento. Se em 90 o número total de exemplares elaborados pelas editoras do Brasil era de aproximadamente 31 milhões, em 1991, chegava a quase 40 milhões. Não há estimativas que trace o diagnóstico do consumo depois deste período, mas nesta data já ficava claro aos profissionais do ramo que o filão dos infantis haveria de se consolidar.

A presidente da Associação Catarinense de Editores e Livreiros Marta Martins da Silva, diz que a causa do fenômeno foi a reformulação pedagógica nos colégios. "Há quatro anos não se vendia muito, até que os professores resolveram adotar de novo livros para o ensino", festeja. Odilon Lunnardelli, proprietário da livraria e editora Lunnardelli concorda: "O preço dos infantis é bem mais inferior ao dos outros livros e os pais têm incentivado a leitura". Segundo ele, o consumo de escolares é constante, mas aumenta muito nos meses de março e agosto. "É nessa época que as livrarias conseguem as para se segurar no resto do ano" enfatiza.

A adoção dos livros didáticos pelos colégios incentivou ainda mais a leitura de infantis. Para Graça Silvano, gerente da filial da editora Brasil em Florianópolis especializada em infantis, esta área tem crescido principalmente por causa das indicações de leitura feitas nas escolas. Por ano a filial distribui 300 mil livros para os colégios de Santa Catarina, Marta, que é dona da única livraria especializada em literatura infantil de Florianópolis confirma: "os jovens nunca leram tanto". Ela conta que quando fundou a Cuca Fresca, há dez anos, o mercado de infantis era totalmente inexplorado em Santa Catarina. Hoje o número de consumidores cresce sem parar: no mês de setembro a livraria vendeu mais de 2.500 exemplares.

Enterrados — O sucesso dos infantis acompanha o enterro da literatura adulta. Em todos os pon-



tos de venda da Ilha o consumo de romances, poesia e filosofia é inexpressiva e o único setor que parece manter-se imune à crise econômica é o de autores do centro do país. Em Florianópolis este livro corresponde à mesma relação dos melhores do mercado", publicada pela revista Veja. As vendas seguem a linha do eixo Rio São Paulo e consagram os escritores Lair Ribeiro e Paulo Coelho. "Quando um livro vem famoso de lá é colocado na lista dos mais vendidos aqui porque é quase certo que vai ter sucesso", diz o vendedor Adécio de Azevedo, da livraria catarinense, que garante que o movimento da loja na seção de adultos se restringe a esta área.

Os sebos, pontos de venda alternativos que trabalham com livros usados, também sofrem com a pouca desenvoltura do consumo em literatura adulta. Apesar dos preços que ficam a dez por cento do valor do mercado, a venda está longe de ser representativa. A explicação é simples: todos os sebos da Ilha trabalham com setores nada em voga no mercado livreiro — filosofia, poesia e romance em geral. João Neto, responsável pela banca de usados da Alfândega diz que o mercado de livros em Florianópolis é pequeno e jamais pensou em expandir o negócio. "Em épocas de crise as pessoas têm que escolher entre a comida e a cultura. A cultura sempre dança", reclama.

Na locadora Papa Livros, que trabalha com empréstimos, a realidade não é muito diferente. Criada em 86 com o intuito de servir de pólo cultural do setor livreiro, a locadora sofre com um faturamento que não ultrapassa os R\$ 200.000,00. "Literatura é coisa ingrata em matéria de lucros" resume o coordenador Roberto Mibielli. Os 300 associados da locadora têm acesso a livros literários em geral, esotéricos e filosóficos, além das publicações da Editora Papa Livros. A mensalidade de 700 cruzeiros dá direito a leitura de trinta livros ao prazo de um mês. O mesmo valor não seria suficiente para comprar um exemplar em qualquer livraria da cidade.

Leitores de Santa Catarina não conhecem os autores catarinenses

Livros de autores catarinenses estão apodrecendo nas livrarias de Florianópolis. Enquanto o mercado de autores nacionais, patrocinados por grandes editoras, vive momentos de relativo sucesso, os únicos livros de literatura local que tem saída são dois — os requisitados para o teste do vestibular da UFSC em 94. No mais a situação é de completo abandono. Numa das maiores livrarias da cidade, a Catarinense, nenhum dos quatrocentos exemplares vendidos por dia pertence a autores locais. Nos sebos e na locadora Papa Livros, a procura por publicações regionais se limita a dois exemplares.

"O catarinense não prestigia o catarinense" resume Odilon Lunnardelli, o primeiro editor da Ilha a publicar autores locais. Desde que fundou a editora Lunnardelli em 71, ele editou 180 títulos que somam mais de 360 mil exemplares. Todos livros da terra. Mas a opinião do editor vem juntar-se à da maioria unânime dos profissionais do ramo livreiro: "A compra de autores locais é baixíssima", diz. O fato está explícito na tiragem de cada título editado na Lunnardelli, que normalmente não passa de mil exemplares. Além disso, Odilon afirma que os lucros são insuficientes para cobrir os investimentos

da editora. "Em cada livro, os gastos são em média de 600 mil cruzeiros reais. Sei que estou botando dinheiro e não estou tendo retorno", reclama. Apesar de ser um dos pioneiros no mercado editorial de Florianópolis,

Só os livros para o vestibular vendem bem

polis, Odilon Lunnardelli não conseguiu estourar nenhum livro no grande mercado. A maior tiragem que financiou até hoje foi a de dez mil exemplares, na Constituição de Santa Catarina.

As dificuldades enfrentadas pela editora Lunnardelli — uma das mais bem estruturadas de Florianópolis — crescem em proporção geométrica no restante do mercado editorial da Ilha. "Falta patrocínio e a produção de um título pode ser interrompida logo no início", diz Marta, da Cuca Fresca. Ela explica que o financiamento dos livros é feito pelas próprias editoras e que as coedições viraram

regra no mercado, uma alternativa de dividir o investimento e viabilizar a publicação. A inexperience das editoras, segundo Marta, é outro entrave para vendagem de novos títulos. "Muitas fazem o livro e acham que terminaram o trabalho. Esquecem da distribuição e da divulgação", critica. Mais ressalva que grande parte das editoras da Ilha ainda estão em fase de estruturação, por isso "é compreensível que existam problemas", diz.

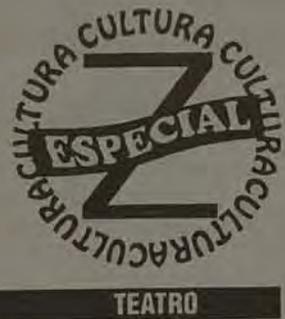
Se a história da produção literária local está longe de um final feliz parte da culpa pode ser entregue ao mau desempenho da imprensa. Em todo mês de setembro nenhuma matéria de destaque sobre livros locais foi publicada no jornal de maior circulação na cidade. A atenção dada aos autores da Ilha se resumiu a oito notas de pequena proporção e ênfase. Em contrapartida houve no mesmo mês, mais de 15 lançamentos. Para a presidente da Associação Comercial de Editores e Livreiros fatos como estes representam a irresponsabilidade dos jornais. "Não há muita preocupação com a cultura da terra. Os jornais daqui só se preocupam em noticiar o que acontece em São Paulo e fora do país", acusa.

Mônica Linhares

Zé Desse Livro

Os bofes da patifaria

Baianos encenam "A Bofetada" e fazem o país morrer de rir



Quem pensa que todo baiano no fundo é um painho, está enganado. Longe do tédio dos amasadores de cacau, a CIA baiana de patifaria, há cinco anos, leva o público ao delírio com a apresentação da peça A Bofetada. Com muito humor e axé, Lelo Filho, Moacir Moreno, Frank Menezes e Wilson de Santos provam que os bons espetáculos não nascem só no eixo Rio-São Paulo. O grupo, fundado há 7 anos por Lelo e Moacir despontou com o sucesso da peça "Abafabanca", que ficou em cartaz durante um ano em Salvador. E ao contrário do que se possa imaginar, em linguagem baiana, patifaria significa brincadeira.

Mas fazer sucesso não é brincadeira. Os irreverentes rapazes juram que até estudaram a tríologia dramática de Stanislavsky, mas optaram por um humor rasgado, essen-

cialmente baiano. Com este astral eles encantaram até a platéia de Brasília, famosa pela frieza durante as comédias. Wilson conta que todos os espetáculos na cidade lotaram, tiveram sessão extra: "eles pediam bis, tinha deputado no dia seguinte no congresso dizendo achei lindo, maravilhoso".

A Bofetada é dividida em três esquetes, baseadas numa releitura dos textos "Pedra, a Tragédia" e "Quem tem medo de Itália Fausta". Durante duas horas os quatro rapazes se transformam em 11 mulheres "O mulherio foi coincidência na hora de escolher os textos", explica Lelo, que com a personagem Fanta faz o público adquirir sotaque baiano. "Isto acontece porque a platéia participa da peça, sobe no palco, joga aviãozinho e acaba pegando o jeito da xente falar".

Nos camarins, muita produção, para transformar Moacir Moreno na desvairada "Paloma"



Antes de cada apresentação eles se concentram na maquiagem, arrumando o figurino. "Depois de cinco anos, as mulheres da peça ficaram mais bonitas, afinal a xente aprendeu a se maquiar", diz Wilson, enquanto cola os cílios postiços da personagem Eleonora. Lelo é o DJ do grupo, Frank brinca dizendo que ele só não ficou no aeroporto por excesso de bagagem, pelas dezenas de fitas que carrega. Só porque a Varig é patrocinadora da peça. Em cada cidade uma música vira a favorita do camarim, em Floripa a concentração dos atores foi embalada por Maria Bethânia ao som de "As canções que você fez para mim" de Roberto Carlos.

Quem se liga no SBT de-

ve ter se deparado com a CIA. Baiana de Patifaria no programa da Hebe. "Nós fomos quatro vezes, ela é a entrevistadora mais sincera e espontânea, adoro a Hebe", confessa Frank. Com uma equipe técnica formada por pernambucano, Paraibano, Carioca e até um irlandês com jeito nordestino, A Bofetada está na terceira turnê pelo país, contando com o público com uma ironia recheada de xinxim e acarajé. E como reza a tradição eles encerram o ano se apresentando em Salvador para pedir a benção de Nosso Senhor do Bonfim para a próxima temporada.

Texto e fotos
Cláudia Repsold



Os cinco anos de sucesso da turnê deixaram as "mulheres" da peça mais bonitas: "A gente aprendeu a se maquiar"

O quarteto baiano optou pela irreverência e conquistou até o público de Brasília, famoso pela frieza diante das comédias



Baianês sem mestre

Quem pretendia aumentar seu vocabulário de baianês deve ter saído satisfeito. Nada de "bichinho", "num sabe", "visse?" ou outras baianices padronizadas pela mídia. Os textos da Cia Baiana de Patifaria trazem expressões muito mais criativas e engraçadas do que aquelas que costumam sair da boca do seu José Inocêncio.

Os atores estão sempre renovando seu estoque de doídices. Quando não vão buscar inspiração no interior da Bahia, eles inventam seus bordões no meio do espetáculo mesmo. Ai não tem jeito. Os patifes acabam caíndo na risada junto com a platéia. O sucesso é tanto que mesmo depois que a peça sai de cartaz, frases

como "Hoje eu tô tão, tão, que nem, nem!" demoram para sair da cabeça do público.

Fanta é o exemplo vivo disso. Tudo para ela é um "momento lindo, maravilhoso!". Mas o que gruda mesmo na memória é o debochadíssimo "É a minha caaara!", que sempre faz o teatro desabar em gargalhadas, não importando quantas vezes seja repetido.

Outros tiros certos do humor dos patifes (tudo, é claro, com o devido sotaque baiano): "Oi, que é que há aí, como é que vai, tá boa?", "Adorei milhões!", "Qui Naaada!". E a lista não acaba aí; até o tradicional "Ó xente" soa como piada quando falado por uma dessas figuras.

Dico Fischer

UFSC recebe Chico Caruso

Caruso ressuscitou a caricatura no país incentivado pelo avô

Chico Caruso, um dos mais importantes cartunistas do País, esteve na Universidade Federal de Santa Catarina no final de setembro, onde cantou, representou e falou sobre sua profissão, sobre política nacional e de seu livro **Fora Collor**, editado no fim do ano passado. A palestra aconteceu através do Projeto IBM Brasil — Encontro Marcado com a Arte. Coordenando o debate esteve, ao lado de Caruso, o poeta e compositor Geraldinho Carneiro.

Nascido em uma família de artistas, como o avô pintor e o irmão cartunista Paulo Caruso, Chico começou sua carreira em 68 aos 14 anos, na Folha da Tarde, em São Paulo. Depois passou pela Revista IstoÉ, Gazeta Mercantil, Jornal do Brasil e O Globo, onde está até hoje. Apesar do vasto currículo, Caruso reclama que nunca conseguiu trabalhar nos lugares que realmente queria. "Pensei na Veja, apareceu a IstoÉ, pensei na Folha, apareceu O Globo, essa é a minha imprensa alternativa".

Caruso foi o responsável pela ressurreição da caricatura no Brasil. Incentivado pelo avô, o pintor e caricaturista espanhol Francisco Málaga, Chico usou o estilo para diferenciar seu trabalho do de Henfil. "Foi a maneira que eu encontrei de não confundirem os meus desenhos com os dele, principalmente porque ele era muito mais famoso que eu, aí a coisa deu certo e virou moda". Nessa época Chico desenhava para os jornais Pasquim, Opinião e Movimento, veículos alternativos. Com a imprensa em ebulição, a caricatura acabou sendo uma forma de fazer oposição ao governo. "A ditadura estava muito forte e foi aí que o que eu fazia explodiu e se espalhou nos jornais em que eu trabalhava".

Fora Collor — Trabalhando quase sempre no Brasil, ele afirma que nunca teve dificuldade para se pautar. Seu personagem predileto é o "que senta naquela cadeira", referindo-se aos presidentes da República. Seu livro



Fora Collor é todo dedicado à "ascensão e queda" do ex-presidente. Ele acredita que no Brasil a tradição de humor é muito forte e por isso nunca faltará campo para seu trabalho. "Enquanto houver Brasil, haverá humor", brinca. O cartunista lembrou que quando Collor, seu "grande pai-teiro", saiu do governo, muitas pessoas perguntavam o que ele iria desenhar e acreditavam que ele perderia espaço. "Bom, aí veio o Itamar com aquele topete e ficou melhor ainda". Chico acha que a caricatura de pessoas famosas é uma questão de circunstância. "Hoje o barato é por aí, mas amanhã personagens anônimos podem ser o grande filão".

Aos desenhistas em início de carreira ele aconselha que nunca imitem ninguém, pois acredita que o sucesso só se consegue com originalidade. "Depois que se consegue copiar perfeitamente o traço de alguém, mesmo que de brincadeira, fica difícil de se libertar e isso é muito perigoso". Comenta que o melhor caminho para fazer grandes trabalhos é deixar "a caneta pensar, pois a

Cartunista do jornal O Globo e revista Veja fala sobre política nacional e imprensa

quantidade acaba gerando qualidade".

Trabalhando hoje no jornal O Globo, Chico tem um espaço diário na primeira página para publicação de seus desenhos. Dentro da Rede Globo ele produz ainda charges animadas para alguns telejornais. Uma inovação de Caruso no Globo foram as charges coloridas que ele publica na capa. Ele contou, na palestra, que para conseguir todo esse espaço teve que fazer muita pressão ao presidente do jornal, o "temível" Roberto Marinho. "Quando eu quis o espaço diário, comecei a mandar desenhos para o Estadão; depois quis as charges coloridas na capa, aí mandei uma caricatura do próprio Roberto Marinho para a Veja e, com jeito, consegui o que queria".

Medo da Globo — Ao ser perguntado sobre se é um constrangimento para ele ser chamado de "pau-mandado" do Roberto Marinho, Caruso é taxativo: "não

me ofendo, porque não sou". Ele diz ainda que esse tipo de preconceito que as pessoas têm em relação a quem trabalha no Globo é até um respaldo para ter maior liberdade. "A vantagem é que todo mundo pensa que tudo que sai no Globo é "coisa" do Roberto Marinho, isso evita coisas chatas como processos, tudo pelo medo que as pessoas têm dele.

Para Chico o público do Globo é concentrado "até demais" no Rio de Janeiro. Ele disse que viu isso com clareza, quando foi para o Rio e tornou-se anônimo em São Paulo. "Depois que eu fui pro Globo, a minha filha que mora em São Paulo, reclamou por não ser mais reconhecida como filha de Chico Caruso, mas como sobrinha do Paulo Caruso", seu irmão gêmeo cartunista do jornal O Estado de S. Paulo.

Caruso foi o primeiro caricaturista a comparar Itamar Franco com um palhaço, no episódio em que o presidente abraçou o palhaço Pirulito na Esplanada dos Ministérios. Depois do desenho de Chico, muitos caricaturistas fizeram o mesmo, o que gerou revolta na presidência. Itamar deu uma nota no Diário Oficial, a primeira em toda a história dos cartuns brasileiros, reclamando dos desenhos. "É a gente que esperava que o palhaço se ofendesse... ironiza".

Aos 44 anos, Chico, além de grande cartunista, também faz shows pelo Brasil, ao lado do irmão Paulo, onde canta e interpreta personagens da política nacional. Para isso, Caruso juntou vários humoristas de todo o País e montou uma banda que o acompanha nos espetáculos. Durante a palestra ele deu uma palhinha de algumas partes de suas músicas. Cantou "Itamar e Itapior", o "Rock da Roseana" e interpretou Collor e PC Farias. Além de conhecer um pouco de seus dotes de cantor, a plateia teve a oportunidade de ver alguns desenhos de Caruso e discutir com ele a elaboração de cada trabalho.

Suyanne Quevedo



Ilha tem novo templo de consumo

No início da noite de 27 de outubro, Florianópolis teve sua noite de gala de capital da província. A inauguração do Beiramar Shopping teve nuances que lembraram os velhos tempos de Hollywood ou até uma entrega do Oscar. Finalmente as damas da ilha, puderam tirar do guarda-roupa o traje finíssimo que esperava uma oportunidade para aparecer.

Na esquina da Mauro Ramos com a Bocaiúva, muita gente se empoleirava para ver os carros sendo abertos por impecáveis motoristas, as elegantes senhoras embrulhadas em vestidos bordados, os homens finissimamente vestidos. A primeira turma a entrar, às 19h15min, era especial: os convidados dos proprietários da empresa Kobrasol, que construiu a obra de quase US\$ 50 milhões. Somente às 21h15min entraram os lojistas e seus amigos. O povão da rua ainda iria esperar até o outro dia.

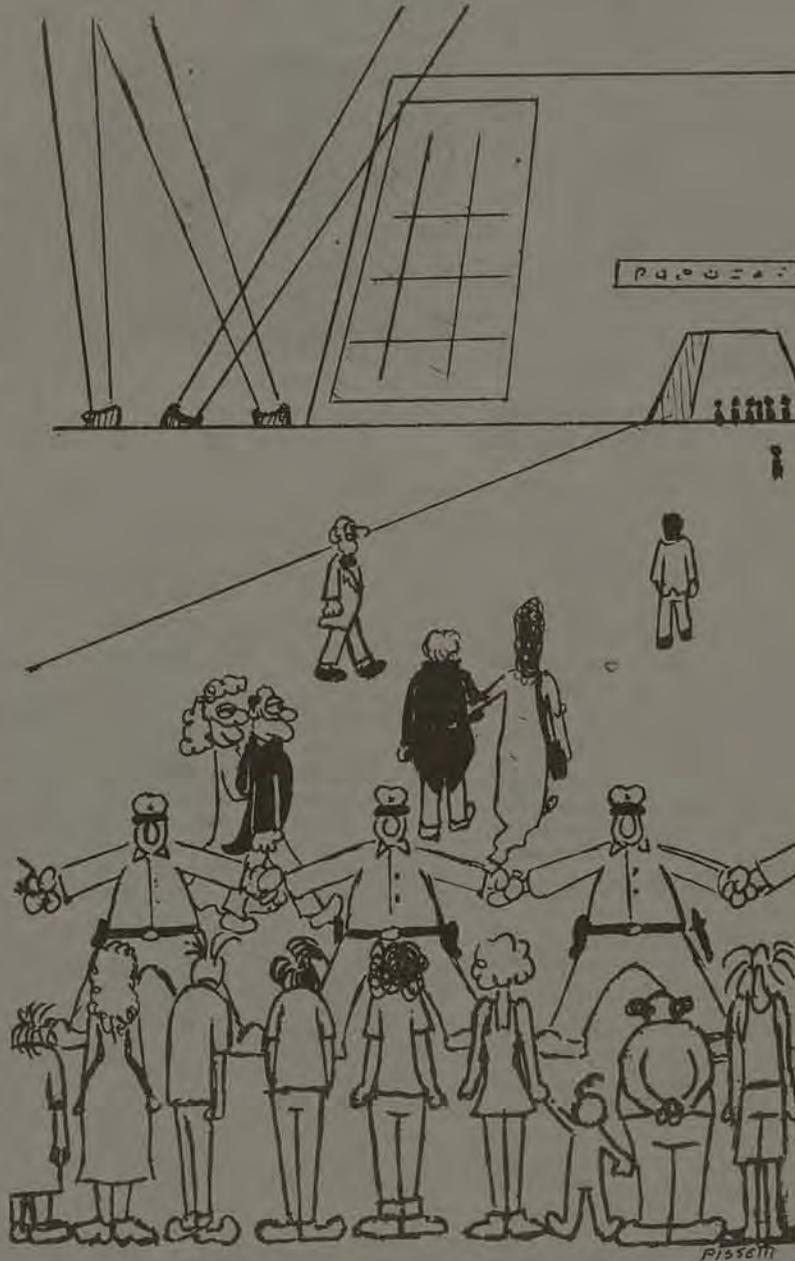
Os horários diferen-

A cerimônia dividiu os convidados em povão, burguesia e nobreza

tes acabaram por cristalizar um separatismo social. Entre as panelinhas havia pessoas inconformadas por terem sido convidadas para o horário das nove e quinze. "Foi um erro da organização. Parece que dividiram os convidados em três classes: nobreza, burguesia e povão. Inclusive acho que o povo deveria ter participado de alguma forma, afinal são eles que vão sustentar o shopping. Não aquela meia dúzia de convidados". A autora da declaração é Maria de Lourdes Ternes, professora de moda e contraditoriamente uma das convidadas do horário das sete e meia.

Na verdade, assim como havia gente vestida de longo bordado que mal permitia caminhar, encontravam-se passeando pelos corredores convidados despojados que vestiam agasalhos de moletom. O convite não definia o tipo de traje mas certamente os

Festa de inauguração do Beiramar Shopping promove o separatismo social superproduzido



extremos dominaram. Tudo bem. Talvez fosse uma homenagem esportiva ao antigo estádio do Avaí que reinou durante 50 anos naquele "pasto de bode". Aliás, o lugar parece destinado a perverter cristãos: foi império do jogo e agora é império do consumo. As damas, chiquérrimas, comentavam: "finalmente podemos passear longe do sol do calçadão, dos piveles, dos doleiros. O lugar é inegavelmente confortável, inegavelmente seguro. Finalmente Florianópolis agora faz parte das capitais

mais modernas do País".

Lá fora, o pessoal contemplava os laser. Lá dentro corriam vários tipos de frios, castanhas de caju, cervejas Heineken, vinho Pinot, whisky Johnnie Walker e outras bebidas finas. Em cada andar, mesas de comida e bebida. Em cada loja, um cocktail particular.

À meia luz, o mestre de cerimônia, Antunes Severo, acompanhado do prefeito Sérgio Grando, do governador do estado em exercício, Antônio

Carlos Konder Reis, e do empresário Walter Osli, representante dos empreendedores do shopping anunciou do palanque montado no primeiro andar as palavras do Gênesis: "E Deus disse: que faça se a luz. E a luzes se fez..." Houve um jogo de luz regado a papel brilhante picado e a música clássica tocou em tom heróico. Emoções que apenas grandes eventos artísticos e o cinema podem provocar. O hino nacional tocou. O padre abençoou o novo templo do consumo que prega a religião do capitalismo (logo agora que o Papa o condenou com tanta veemência).

Os canhões de laser

Agora as madames vão poder passear longe do sol e dos piveles

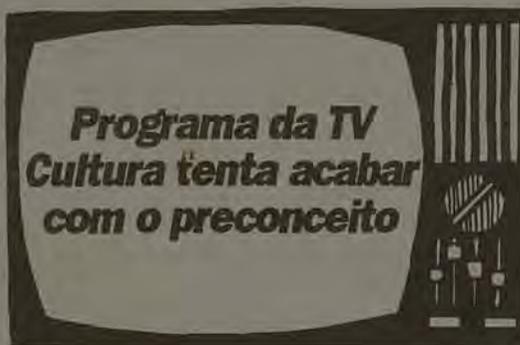
emitiam a claridade que era vista a grandes distâncias. Alguns mais desavisados pensaram que fosse um disco voador pairando pela cidade. A base aérea e algumas empresas de comunicação receberam vários contatos imediatos avisando o ocorrido.

No dia seguinte o povo finalmente pôde entrar. Havia filas para subir nas escadas rolantes e empurra-empurra no elevador panorâmico. Quarente mil pessoas foram conhecer o novo shopping. Roberto Costa, presidente da ADVB em Florianópolis tomou emprestada a voz de Milton Nascimento: "a vida aqui nunca será como antes".

O mercado público — o shopping dos pobres — nunca vai deixar de ter a cara da cidade. Tomara que continue com seu peixe fresco, suas quinquilharias baratas, as cumbuquinhas de barro, o artesanato da ilha. Seus pombos, bandas e bares. Inauguração de shopping com cara de entrega de Oscar seria muito brega numa cidade como São Paulo, por exemplo. Se liga maneziinho! Florianópolis pôs a máscara mas a cara da cidade nunca vai negar a tradição.

Patrícia Márcia

Projeto AIDS é discutido na UFSC



A repórter, editora e apresentadora da TV Cultura de São Paulo, Maria Lins, esteve no último dia 27 no curso de Jornalismo falando sobre os programas especiais da emissora. Formada em economia pela UFSC, mas jornalista por experiência, Maria Lins também contou como é trabalhar numa rede de televisão não comercial.

"A TV Cultura não tem compromisso de ordem econômica ou política. A nossa preocupação não é com Ibope e nem com audiência. O nosso compromisso é com a educação e com a prestação de serviços", explica Maria Lins. Para a produção dos programas especiais a TV recebe o apoio de empresas, e como não existe propaganda comercial, o nome dos patrocinadores aparece em forma de legenda durante os intervalos ou no fim dos programas.

Um dos trabalhos mais importantes realizados recentemente pela TV Cultura e que teve a participação de Maria Lins foi o Projeto Aids. O programa estreou em agosto de 92 e teve a duração de seis meses. Foram 61 boletins diferentes, de três a quatro minutos cada, transmitidos durante os intervalos. Inicialmente eram veiculados três boletins por dia, mas com o sucesso da campanha o número subiu para quatro por dia.

Eventualmente os boletins eram entrevistas com médicos especialistas, psicólogos e outras pessoas relacionadas ao assunto. Grande apoio foi o dado pelo sociólogo Betinho, portador do vírus da Aids e que atualmente dirige

a campanha contra a fome. Conhece bem os problemas biológicos e sociais da doença, já que dois irmãos seus morreram por causa da Aids. Um deles foi o famoso cartunista Hentfil. Muitas das entrevistas com Betinho foram reprisadas, a pedido do público.

Antes de ser iniciada a produção do Projeto Aids, alguns cuidados foram tomados. O primeiro passo foi a criação de uma equipe fixa, composta por Maria Lins, técnicos de gravação e um médico. "Tive que ler e pesquisar muito sobre a doença", relembra Maria. "Quando o programa começou a ser transmitido, as pessoas me procuravam para pedir orientação e no fim me tornei especialista no assunto".

O Projeto Aids tinha como meta informar sem agredir. A própria vinheta do programa foi especialmente elaborada: "nada de vermelho sugerindo sangue e morte e nada de letras grandes e assustadoras", explica Maria. O resultado foi uma vinheta simples e atraente: "aids, perguntas e respostas" grafado em caixa baixa com letras verdes e fundo violeta.

A linguagem também recebeu uma atenção especial. A palavra "aidético", por exemplo, foi rigidamente proibida e substituída por expressões como "doente de Aids" ou "paciente de Aids". Maria Lins explicou que todo esse cuidado com a palavra "aidético" foi para evitar que se remontasse a história da lepra. "No fim o combate acabou sendo aos leprosos e não à doença da lepra", justifica.



Maria Lins deu palestra sobre seu trabalho na TV Cultura de SP

O programa procurou atingir a todos sem falar em grupo de risco. "Isso não existe mais. Qualquer pessoa está sujeita a contrair a doença", afirma Maria Lins. "Todos têm que se prevenir". Por causa disso, os boletins também ensinavam a usar camisinha, o método preventivo mais acessível à população. "Se for colocada de maneira correta, as chances da camisinha romper são mínimas", explica Maria Lins.

Num dos boletins mais ousados, um médico com várias bolsas de sangue encenou uma rodada de uma droga injetável qualquer. Foi passando a mesma seringa a todos os participantes da roda e alertando que se uma única pessoa estivesse contaminada pelo vírus da Aids, ao final, todas poderiam ter contraído a doença. Em seguida o médico demonstrou a maneira correta de se fazer uma rodada, advertindo que cada pessoa deve ter a própria seringa e ainda assim descartável.

"Esse programa foi resultado de um trabalho muito complexo", revela Maria Lins. Todas as informações, todos os dados eram rigorosamente revisados por um médico especialista e pelo Gapa (Grupo de Apoio e Prevenção à Aids). "Não podíamos correr o risco de dar alguma informação errada, ainda mais por se tratar de um assunto tão sério, que diz respeito à vida", conclui.

Disse também que foi a primeira vez que trabalhou com um tema tão específico. "Foi muito desgastante física e emocionalmente". Conta que corria o dia todo em busca de fontes, entrevistas, enquetes. "Muitas vezes as pautas furavam porque as fontes portadoras do vírus passavam mal e tinham que ser hospitalizadas ou transferidas para a UTI (Unidade de Tratamento Intensivo). O pior de tudo era quando ia entrevistar uma fonte e descobria que ela tinha morrido", lamenta.

Atualmente, Maria Lins trabalha na produção do Escola Viva, um programa especial destinado somente a professores. Com um formato mais jornalístico, o Escola Viva dava dicas de como fazer uma aula mais atraente e eficaz.



TELEVISÃO

Canal ZERO

Quem decide?

"Telefone para nós, a sua opinião é muito importante, porque no nosso programa você decide! Seu voto é muito importante, não deixe de telefonar. Não esqueça, aqui você decide."

Estas são algumas das frases que o apresentador de "Você decide" da TV Globo repete incansavelmente ao longo desse programa. O ator Raul Cortez, atual mestre de cerimônia, simula, um tanto quanto desajeitado, um contato direto e íntimo com o telespectador e se esforça em nos fazer crer que somos dotados de um livre e democrático arbítrio.

Mas vejamos uma das últimas histórias e como as alternativas se constroem: um pesquisador recebe uma bolsa de estudos de 4 anos para desenvolver seu trabalho em Paris. Seus pais são velhos e doentes. Ele sofre com a idéia de deixá-los. Você decide: ele vai ou fica? Primeira cena dos velhos; eles tocam no piano e cantam "Você se lembra da casinha pequenina...". Em seguida, assistimos ao choque dos dois ao saber da notícia. A namorada decide que não vai junto por causa dos pais dela. Os elementos favoráveis a sua viagem são os seguintes: seu chefe estimula, sem grande ênfase, pois afinal ele não será o primeiro cientista a sacrificar a vida pessoal por amor a ciência; uma colega de trabalho o pressiona; ele tem que ir. Ela é antipática e parece calculista. Enfim, uma mulher fria, sem coração, que só pensa na ciência. Preciso dizer o que foi "democraticamente" escolhido?

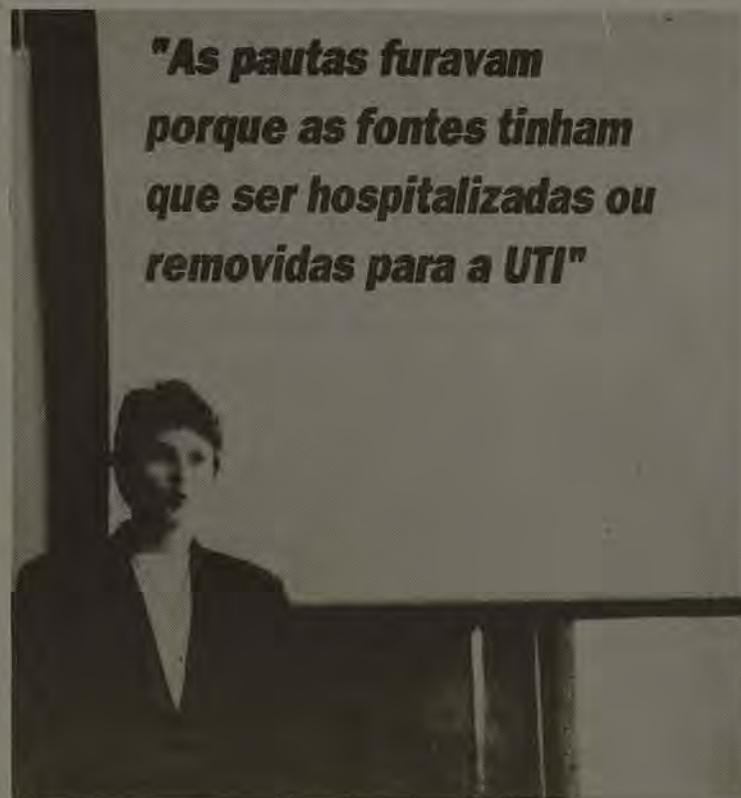
Este programa participativo é a roupagem mais atual e bem acabada do que chamamos de "opinião pública", "gosto médio", "senso comum". Só que a televisão descobriu que tudo isso é muito abstrato. E que as sondagens são fornecidas por entidades pouco palpáveis. De fato, não conhecemos ninguém que foi ouvido pelo Ibope. Com "Você Decide", há um processo de "encarnação" dessas abstrações: vemos, ao vivo, uma atriz-repórter de carne e osso, que entrevista pessoas "reais" num lugar conhecido de alguma cidade do Brasil. Ou seja, tudo muito concreto.

O que é espantoso no momento cínico e "liberalmente democrático" em que vivemos é que as televisões colocam no ar metáforas daquilo que elas fazem com o telespectador sem qualquer constrangimento. "Você decide" explicita o processo de indução que acontece frequentemente nos telejornais globais através da seleção de certas informações em detrimento de outras e da maneira como estas são editadas.

"Você decide" já plebiscitou questões bem mais essenciais do que uma viagem à França: aborto, delação, grupos de extermínio, ética, pena de morte. E o pior é que dramatizados de maneira simplista, temas complexos se banalizam e são "decididos" maniqueístamente por um insignificante "sim ou um pião não". A resposta vitoriosa sempre reforça a mesmice e reflete o senso comum. Mas, se por acaso, num dia atípico, isto não ocorrer, não tem problema: as questões são tratadas de forma tão particular que viram historietas. "um caso à parte", sem nenhuma consequência.

Consuelo Lins

Jornalista e professor do Curso de Jornalismo da UFSC



"As pautas furavam porque as fontes tinham que ser hospitalizadas ou removidas para a UTI"

Melre Bertotti

Os vícios de Vinícius

Do céu dos boêmios ele comemora seus 80 anos



Um homem movido a paixão e uísque dificilmente chegaria aos oitenta anos. Se Vinícius de Moraes não tivesse esses vícios, talvez ainda estivesse cantando *Garota de Ipanema* com aquela voz carioca — se bem que, sem a musa inspiradora e o copinho na mão, ele não teria

feito *Garota de Ipanema*.

O coração do poeta, cansado da exploração ao longo de 67 anos de trabalho, pediu as cntas numa noite fria de 1980. Com a incosequência típica dos apaixonados, Vinícius largou tudo e foi embora, levando consigo muito da delicadeza que tanta falta faz ao Brasil de hoje. Dormindo para sempre nos braços dessa amiga íntima, a noite, talvez ele tenha encontrado o amor perfeito tão idealizado nos seus versos.

No melhor estilo “faça o que digo mas não faça o que faço”, o autor do *Soneto da Fidelidade* (“De tudo ao meu amor serei atento/Antes, e com tal zelo e sempre e tanto/Que mesmo em face do maior encanto/Dele se encante mais meu pensamento”) Se casou nove vezes, se considerados apenas os relacionamentos “duradouros” — ou seja, que tenham passa-

do de três meses. Entre assumidos e prováveis, teve mais filhos que dedos nas mãos.

Com esse currículo, o “poetinha” — apelido dado pelos amigos que satirizaram a mania de Vinícius de usar o diminutivo nas conversas de bar — não se considerava apenas mulhengo, e sim “mulherólogo”. Os tormentos da juventude, quando a vocação boêmia se conflituava com a rigorosa educação católica que recebera, foram aos poucos se dissipando. Abandonado o sentimento de culpa que aparecia nos primeiros versos, o tema “mulher” foi se impondo na obra de Vinícius — a tal ponto que há quem o considere machista, por frases como “as feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”.

Simples e Belo — Controvérsias à parte, verdade seja dita: ninguém cantou as mulheres melhor que ele. “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça/É ela, a menina que vem e que passa/Num doce balanço a caminho do mar/Moça do corpo dourado do sol de Ipanema/O seu balançado é mais que um poema/É a coisa mais linda que eu já vi passar”. O será que há mulher que prefira os “galanteios” que se ouvem por aí hoje em dia?

Garota de Ipanema, símbolo do Rio de Janeiro romântico das décadas de 50 e 60, faz parte do segundo período da obra de Vinícius, na divisão feita por ele próprio: “sublime” e “cotidiano”. Durante os quarenta anos de carreira, o rebuscamento do “sublime” foi se transformando na simplicidade do “cotidiano”. Os versos encurtaram e a linguagem, a princípio solene, ficou coloquial — uma das marcas registradas da obra de Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes.

Com nome tão pomposo, bem que Vinícius tentou ser diplomata. Chegou a trabalhar em Montevideu e Paris. Em 1950, estava em Los Angeles quando recebeu, num telefonema de mãe, a notícia da morte do pai. “A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas”, escreveu num poema em homenagem ao tocador de violão e cantador de modinhas que lhe apresentou à vida e à música, na infância feliz vivida entre o Rio de Janeiro e a Ilha do Governador.

Mesmo sabendo que as carreiras diplomáticas e artística eram inconciliáveis, Vinícius não queria abrir mão de nenhuma delas. Só na década de 60,



Reprodução

“Melhor amigo do homem é uísque, cão engarrafado”

Ironia e acidez: ele não perdoa

Crítico de cinema dos jornais *A Manhã*, *Diário carioca* e *Última Hora*, Vinícius não tinha o menor pudor em ridicularizar os filmes que achava ruins, como em “Uh-uhuhuh-uhuhuh!”, de 1951: “Eu amiga ver Tarzan Ritz. Amiga bonita. Tarzan mais bonito e forte que eu. Azar meu. Amiga mais bonita que Jane. Jane chata. Jane cara burra. Namorados mais inteligente que Jane. Rainha preta linda. Eu Tarzan passava Jar para trás boas condições. Rainha meta uva. Toda boa Tarzan dá pulo Macaca Chita faz macacada tempo todo. Chita melhor atriz fita longo”.

Este mesmo sarcasmo aparece em variações em torno de um tema chatíssimo chamado *Jane Powell*, também de 1951. Vinícius diz que a atriz, par de Ricardo Montalban (o anfitrião da *Ilha da Fantasia*) no então recém-lançado *quando canta o coração*, “tem a cara parecida com um

sabonete num banheiro de ladrilho”, “canta mais agudo do que bonde da Light na curva do trilho” e deveria estar “na lavoura manejando a picareta, ou qualquer outro implemento bem pesado que a deixasse tão cansada, que quando abrisse a boca não saísse voz nem nada”.

Na semana seguinte, Vinícius reproduz em “Cartas de fãs, mas não meus” o protesto de uma leitora. “Tomo a liberdade de escrever a um cronista de ‘meia-tigela’, que não sabe apreciar o que é bom, como esse filme *Quando canta o coração*. O senhor fala muito mal dessa boa artista que é Jane Powell. Eu faço uma idéia, ela vendo um filme brasileiro, que decepção ela teria, em? Fazendo-lhe uma pergunta: a sua cara é muito bonita? Porque pelo que o senhor falou dela, deve ser uma maravilha a sua cara, em? (...) Com essa sua crônica o senhor se torna um ignorante, se já não o é. (...) Tenho

a certeza que existem muitos e muitos fãs de Jane e Ricardo com vontade de dizer-lhe o que eu disse”.

A resposta de Vinícius foi pura ironia. “Assim é que eu gosto de ver, as meninhas se defendendo mutuamente com hintrepidez e hinteligência, em? Fazendo-lhe uma resposta, sobre se a minha cara hé bonita, hé muito bonita. Deixa a do Ricardo no chinelo, e a de Jane então nem se fala. A única coisa que a estraga um pouco é que eu tenho o nariz colocado logo abaixo da boca, e ao inverso do comum das pessoas. Isso é meio hincômico, em? Porque quando chove forma pocinha nas fossas nasais. Mas tem a vantagem de eu manter sempre frescas as flores que uso na lapela, pois mal elas começam a murchar eu vou, pego e as espeto nos vasilhos do meu nariz, em? Não acha muito mais interessante que a cara do Ricardo? (...) Perdoe a esse cronista de ‘meia-tigela’, que se tornou subitamente um ignorante, se já não o era. Mas eu continuo achando sua hamiguinha Jane CHATÍSSIMA! PAULÉRRIMA! CACETÍSSIMA!”.

quando já era um poeta consagrado, o dilema foi resolvido: "Demita esse vagabundo!"; ordenou o então presidente Costa e Silva a um subordinado. Os "hábitos pouco recomendáveis" de Vinícius influenciaram na decisão, que talvez tenha sido a maior contribuição do general às artes brasileiras.

Canção de Amor — Enquanto esteve em Los Angeles, Vinícius respirou jazz e conheceu Orson Welles. Quando contou que estava pretendendo fazer um curso de cinema, ouviu do autor de *Cidadão Kane*: "Bobagem! Sempre que eu filmar, te chamo e você aprende". E assim foi: Vinícius acompanhou toda a filmagem de *A Dama de Xangai* e de *Macbeth*. Era como aprender futebol com Pelé.

Resultado: Vinícius de Moraes — que já havia sido crítico de cinema (*leia quadro*) e censor cinematográfico do Ministério da Educação durante três anos sem ter censurado nada — fez o roteiro de "Orfeu Negro" versão de sua peça "Orfeu da Conceição". Dirigido pelo francês Marcel Camus, o filme levou a Palma de Ouro de Cannes e o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1959. A lenda grega de Orfeu (cincoinformado com a morte de Eurídice, ele desce ao inferno e, com seu canto irresistível, consegue a permissão do Diabo para trazê-lo de volta, desde que não olhasse para trás no caminho — ordem desobedecida, Orfeu só pôde contemplar a amada por um instante antes de perdê-la para sempre) é adaptada à

realidade do Rio de Janeiro. Orfeu é um sambista e a descida ao inferno acontece em plena terça-feira de carnaval num "inferniinho" chamado "Os Maiores do Inferno". O cenário sofisticado é tocado pela estética do morro e o som da lira substituído pelo do violão.

A famosíssima *Se todos Fossem Iguais a Você* faz parte dessa peça. As primeiras frases da canção ("Vai tua vida/teu caminho é de paz e amor/A tua linda canção de Amor/Abre os teus braços e canta a última esperança/A esperança divina de amar em paz") são inclusive falas de Orfeu.

Parceiro Camarada — Quando Sérgio Porto e Paulo Mendes Campos apresentaram a Vinícius um pianista jovem e desconhecido, ninguém poderia imaginar que estava nascendo ali uma das mais fecundas parcerias da MPB. Juntos, Vinícius de Moraes e Tom Jobim deram os primeiros acordes da Bossa-Nova e fizeram clássicos como *Eu sei que vou te amar* (Por toda a minha eu vou te amar/Em cada despedida eu vou te amar/Desesperadamente, eu sei que vou te amar/E cada verso meu será prá ti dizer/Que seu sei que vou te amar/Por toda a minha vida") e *Chega de Saudade* ("Vai minha tristeza/E diz a ela/Que sem ela não pode ser/Diz-lha numa prece/Que ela regresso/Porque eu não posso mais sofrer/Chega de saudade/A realidade é que sem ela não paz/Não há beleza/É só tristeza/E a melancolia que não sai de mim/Não sai de mim/Não Sai").

As relações de Vinícius com os parceiros sempre foram afetuosas. Desde os irmãos Tapajós, na adolescência até Toquinho, a quem tratava como um filho, passando por Pixinguinha, Adoniran Barbosa, Carlos Lyra (que musicou *Minha Namorada*, Baden Powell, Francis Hime e Chico Buarque (com quem fez *Gente Humilde*). Até Johann Sebastian Bach foi seu parceiro — "Rancho das Flores" é letra para "Jesus, Alegria dos Homens".

Chega de Saudade — A crença de Vinícius na humanidade fica clara no surpreendente desfecho de *O dia da Criança*. "Neste momento todos os bares estão repletos de homens vazios/Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas/To-

dos os maridos estão funcionando regularmente/Todas as mulheres estão atentas (...) Porque hoje é sábado/Há um renovar-se de esperanças/Há uma profundo discordância/Há um sedutor que tomba morto/Há um grande espírito-deporco/Há uma mulher que vira homem/Há crianças que não comem.../E dando os trêmites por finidos/Há a perspectiva do domingo (...) Tudo isso porque o Senhor cismou em não descansar no Sexto Dia e sim no Sétimo/E para não ficar com as vastas mãos abanando/Resolveu fazer o homem à sua imagem e semelhança/Possivelmente, isto é muito provavelmente/Porque era sábio.

Maurício Dillvoira



POESIA

**"A vida do poeta tem um ritmo diferente
É um contínuo de dor angustiante
O poeta é o destinado do sofrimento
Do sofrimento que lhe clareia a visão de beleza
E a sua alma é uma parcela do infinito distante
O infinito que ninguém sonda e ninguém compreende"**

Saravá, poetinha!...

Imagino o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta, diplomata e letrista, o branco mais preto do Brasil, sentado no céu dos boêmios (o melhor dos sete céus), seu copinho de uísque na mão, a nos olhar, sorridente. Ao fundo algum anjo toca o Samba da Bênção em sua harpa, pra criar um clima.

Muita gente não sabe, mas ser letrista é diferente de ser poeta. São funções abençoadas ambas. Vinícius foi os dois, e lindamente. Ao deixar a poesia "séria" pela "popular", porém, expôs-se ao desprezo e ao descrédito da crítica e dos acadêmicos, que afinal ninguém sabe quem são. Queria ser amado, e amado pela massa, e queria fazer algo pela poesia, para que ela saísse das páginas mortas dos livros, e passasse pela vida alegremente. E Vinícius então pagou o preço. No especial da Globo sobre suas composições, o público se balançava ao ritmo da música, mas poucos

cantavam as letras, mesmo as mais famosas. A massa esquece tão rapidamente quando elege. É isso é triste.

Mas daí há um trecho de *O Dia da Criação* no convite dos formandos de Letras, uma jovem a contar uma história que aconteceu de repente não mais que de repente, o rádio que nos faz passar uma tarde em Itapoã. Em todos os jornais há artigos sobre ele, o poeta, o letrista, o homem apaixonado, a pessoa acessível e generosa. Até no rubicundo jornal do PT, carinhosa matéria de João Antônio. E isso é bom.

Sabendo que iríamos falar dele por seus 80 anos, lá no céu dos boêmios o Poetinha sacode os gelos de seu copo, pouco preocupado com tudo isso. Ainda no ritmo do Samba da Bênção, levanta o olhar e nos diz: Saravá!

Regina Carvalho
Professora de Letras da UFSC

A rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças mudas telepáticas

Pensem nas meninas cegas inexatas

Pensem nas mulheres rotas alteradas

Pensem nas feridas como rosas cálidas

Mas oh! não se esqueçam

Da rosa, da rosa, da rosa de Hiroxima

A rosa hereditária

A rosa radiotiva

Estúpida e inválida

A rosa com cirrose

A anti-rosa atômica

Sem cor, sem perfume

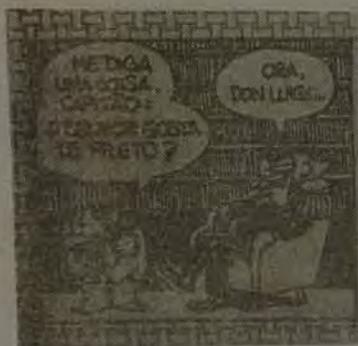
Sem rosa

Sem nada

Vergonha de um passado negro

Movimento afro busca alternativas para que o negro orgulhe-se de sua cor

COMPORTAMENTO



Os 105 anos que separam os negros brasileiros contemporâneos de seu passado escravo, ainda não foram suficientes para lhes garantir, na prática, um espaço digno na sociedade. Sim, houve avanços. A Constituição de 1988 classificou o racismo como crime inafiançável, e já não há tanto constrangimento entre as pessoas "de bem" quando encaram negros ocupando setores que até há pouco eram cativos aos brancos. Mas é pouco. Os movimentos afro avançam na discussão sobre a "posição do cidadão negro na sociedade". Nos encontros e na opinião dos líderes afros, surge uma nova prioridade nessa luta: a definição de uma identidade negra no Brasil.

O presidente da União Brasileira dos Homens de Cor Negra (UBRAHC), Antônio Cabral dos Santos, lamenta que muitos negros sintam vergonha de sua raça. Ele costuma visitar bares em favelas na grande Florianópolis, onde grande parte dos moradores é descendente de escravos. "Muita gente desmente a origem africana, preferindo auto-denominar-se apenas como brasileiros", conta. Paradoxalmente, são os moradores do morro que continuam alimentando as tradições afro, através da música, da religião e da comida.

Identidade — Os poucos negros que conseguiram se destacar no Brasil também carregam problemas de identidade. O Rei Pelé, tanto na carreira de jogador como em seu lado *bon vivant*, sempre driblou discussões sobre racismo. Recentemente, ele declarou à Playboy que jamais fôra vítima de qualquer preconceito antes da fama. Mas, por chutar para longe essa conversa, Pelé é avaliado pelos negros de duas formas: para al-

guns, o rei está certo e pronto. Para outros, ele tem vergonha da cor que nasceu e do que ela representa.

Estranhamente, Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras e considerado o maior nome da literatura nacional, aparece hoje embranquecido nos livros escolares. A história achou que, ao alvejar Machado, estaria lhe prestando um favor. Já Mário de Andrade, o Papa do Modernismo, tinha a mania de sair à rua com grossas camadas de pó-de-arroz sobre o rosto, para disfarçar a mulatice. A vergonha em ser negro invade a literatura

e é prova de criatividade: o pesquisador carioca Clóvis Moura encontrou pelo Brasil, 123 denominações eufemísticas para que o negro possa justificar a cor.

Cabral, o presidente da UBRAHC, enxerga de uma forma curiosa as relações racistas: "Um negro consciente consegue trabalhar seu ambiente até erradicar o preconceito dos colegas brancos. O que acontece hoje é o racismo por parte do próprio negro. 90% dos negros não gostam de conviver com outros negros", exagera. Segundo Cabral, os negros que obtêm alguma projeção evitam atividades como uma roda de

pagode, por exemplo. "Partimos muito rapidamente do complexo de inferioridade para o de superioridade", autodiagnostica.

Preto é suspeito — Já o vereador do PT, Márcio de Souza, encontra outro culpado para a negação da identidade afro: "há um bombardeio cultural que afasta conceitos de beleza e de bondade do povo negro". Márcio, o primeiro militante negro a fazer parte da Câmara em Florianópolis, observa uma maior discriminação por parte da polícia. "Eles partem de uma máxima: todo preto é suspeito". Outra violência moral para os negros está na estrutura do mercado de trabalho. "Critérios como boa apresentação servem para impedir que o negro sequer se apresente a uma vaga", acusa. Márcio lembra a história de uma jovem que procurou o banco Sul América em Itajaí, e ouviu do gerente "aqui, nem preto e nem barbuado". Nesse caso, a discriminação era também política.

O 1º Encontro Estadual dos Movimentos Negros, que aconteceu em Florianópolis entre 22 e 24 de outubro, concluiu que o racismo dos brancos só acabará quando a população negra não tiver mais vergonha de sua própria cor. No censo de 1991, apenas 8% dos moradores da capital haviam declarado ser de raça negra. Os mestiços, maioria na população brasileira, optaram pela cor branca. As nove entidades ligadas ao movimento afro em Florianópolis, tentam achar alternativas para que os negros se reconheçam e se orgulhem de sua cor, como a escola da Miss Afro, provando aos racistas mais ortodoxos uma qualidade pouco conhecida desse povo: a beleza.

"90% do racismo é de negro para negro"

Antônio Cabral, Presidente da UBRAHC



Victor Carlson/Zero

José da Silva Júnior

